

MINISTÉRIO DA SAÚDE

Informações Sistematizadas
da Relação Nacional de

PLANTAS MEDICINAIS DE INTERESSE AO SUS



MENTHA X PIPERITA L.,
LAMIACEAE – HORTELÃ-PIMENTA

Brasília – DF
2023

MINISTÉRIO DA SAÚDE

Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Complexo da Saúde
Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos

Informações Sistematizadas
da Relação Nacional de

PLANTAS MEDICINAIS DE INTERESSE AO SUS



*MENTHA X PIPERITA L.,
LAMIACEAE – HORTELÃ-PIMENTA*

Brasília – DF
2023

2023 Ministério da Saúde.



Esta obra é disponibilizada nos termos da Licença Creative Commons – Atribuição – Não Comercial – Compartilhamento pela mesma licença 4.0 Internacional. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.

A coleção institucional do Ministério da Saúde pode ser acessada, na íntegra, na Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde: bvsm.sau.gov.br.

Tiragem: 1ª edição – 2023 – 100 exemplares

Elaboração, distribuição e informações:

MINISTÉRIO DA SAÚDE
Secretaria de Ciência, Tecnologia,
Inovação e Complexo da Saúde
Departamento de Assistência Farmacêutica
e Insumos Estratégicos
Coordenação-Geral de Assistência
Farmacêutica Básica
Esplanada dos Ministérios, bloco
G, Edifício Sede, sobreloja
CEP: 70058-900 – Brasília/DF
Tels.: (61) 3315-7881
Site: <https://www.gov.br/sau/pt-br/composicao/sectics/daf/pnmpf>
E-mail: fitodaf@saude.gov.br

Coordenação:

Benilson Beloti Barreto
Clarissa Giesel Heldwein
Daniel César Nunes Cardoso
Katia Regina Torres
Letícia Mendes Ricardo
Lucas Junqueira de Freitas Morel

Elaboração:

Eunice André

Revisores técnicos:

Benilson Beloti Barreto
Clarissa Giesel Heldwein
Daniel César Nunes Cardoso
Lucas Junqueira de Freitas Morel
Renata Paula Coppini de Almeida

Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos

Equipe Ministério da Saúde:

Benilson Beloti Barreto
Carlos Augusto Grabois Gadelha
Daniel César Nunes Cardoso
Daniella Magalhães de Carrara
Lucas Junqueira de Freitas Morel
Marco Aurélio Pereira
Rafael Poloni
Renata Paula Coppini de Almeida

Editora responsável:

MINISTÉRIO DA SAÚDE
Secretaria-Executiva
Subsecretaria de Assuntos Administrativos
Coordenação-Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Gestão Editorial
Esplanada dos Ministérios, bloco G, Edifício Anexo,
3ª andar, sala 356-A
CEP: 70058-900 – Brasília/DF
Tels.: (61) 3315-7790 / 3315-7791
E-mail: editora.ms@saude.gov.br

Equipe editorial:

Normalização: Daniela Ferreira Barros da Silva e
Luciana Cerqueira Brito
Revisão textual: Khamila Silva e Tatiane Souza
Design editorial: Denny Guimarães de Souza Salgado
e Renato Barbosa de Carvalho

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Ficha Catalográfica

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Complexo da Saúde. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos.

Informações Sistematizadas da Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS : *Mentha x piperita* L., *Lamiaceae* (Hortelã-Pimenta) / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Complexo da Saúde, Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. – Brasília : Ministério da Saúde, 2023.

84 p. : il.

ISBN 978-65-5993-464-5

1. *Mentha x piperita* . 2. Plantas medicinais e fitoterápicos. 3. Sistema Único de Saúde (SUS). I. Título.

CDU 633.88

Catalogação na fonte – Coordenação-Geral de Documentação e Informação – Editora MS – OS 2021/0125

Título para indexação:

Systematized Information on the National List of Medicinal Plants of Interest to SUS: *Mentha x piperita* L., *Lamiaceae* (Hortelã-pimenta)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Planta da espécie <i>Mentha x piperita</i> L	9
Figura 2 – Aspectos macroscópicos e microscópicos em <i>Mentha x piperita</i> L. obtido da <i>Farmacopeia Brasileira</i>	16
Figura 3 – Estrutura química do mentol e mentona	21
Figura 4 – Cromatograma ilustrativo obtido da <i>Farmacopeia Brasileira</i> para o óleo volátil de <i>Mentha x piperita</i>	24

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dados da <i>Mentha x piperita</i> publicado na lista de medicamentos fitoterápicos de registro simplificado da Anvisa	30
Quadro 2 – Lista de patentes para a espécie <i>Mentha x piperita</i>	65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Porcentagens dos principais constituintes químicos presentes na <i>Mentha x piperita</i> de acordo com a <i>Farmacopeia Brasileira</i>	24
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS

Anvisa	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
CAT	Catalase
CE₅₀	Concentração eficaz 50%
CI₅₀	Concentração inibitória 50%
CL₅₀	Concentração letal 50%
CL₉₀	Concentração letal 90%
Clae	Cromatografia líquida de alta eficiência
DL₅₀	Dose letal 50%
DNA	Ácido desoxirribonucleico
DPPH	2,2-Difenil-1-picril-hidrazila
EMA	European Medicines Agency
g	Gramas
GSH	Glutathione
GSHPx	Glutathione peroxidase
HDL	Lipoproteínas de alta densidade
HIV-1	Vírus da imunodeficiência humana tipo 1
H₂O₂	Peróxido de hidrogênio
HSV-1	Vírus da herpes simples tipo 1 e 2
HSV-2	Vírus da herpes simples tipo 1 e 2
5HT₃	Receptor para serotonina do tipo 3
kg	Quilograma
LDL	Lipoproteínas de baixa densidade
LPO	Lipoperoxidação lipídica
mg	Miligrama
mL	Mililitro
NaOH	Hidróxido de sódio
OMS	Organização Mundial da Saúde
R_f	Fator de retenção
SOD	Superóxido desmutase
TGO	Transaminase glutâmica oxalacética
TGP	Transaminase glutâmica pirúvica

SUMÁRIO

1 IDENTIFICAÇÃO	8
1.1 NOMENCLATURA BOTÂNICA.....	9
1.2 SINONÍMIA BOTÂNICA.....	9
1.3 FAMÍLIA	9
1.4 FOTO DA PLANTA	9
1.5 NOMENCLATURA POPULAR	10
1.6 DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA	10
1.7 OUTRAS ESPÉCIES CORRELATAS DO GÊNERO, NATIVAS OU EXÓTICAS ADAPTADAS	10
2 INFORMAÇÕES BOTÂNICAS	12
2.1 PARTE UTILIZADA / ÓRGÃO VEGETAL	13
2.2 DESCRIÇÃO MACROSCÓPICA DA PARTE DA PLANTA UTILIZADA	13
2.3 DESCRIÇÃO MICROSCÓPICA DA PARTE DA PLANTA UTILIZADA	13
2.3.1 DESCRIÇÃO MICROSCÓPICA DO PÓ	15
2.4 INFORMAÇÕES SOBRE POSSÍVEIS ESPÉCIES VEGETAIS SIMILARES QUE POSSAM SER UTILIZADAS COMO ADULTERANTES	17
3 CARACTERIZAÇÃO E CONTROLE DE QUALIDADE	18
3.1 ESPÉCIE VEGETAL / DROGA VEGETAL	19
3.1.1 Caracteres organolépticos.....	19
3.1.2 Requisitos de pureza	19
3.1.3 Granulometria	20
3.1.4 Prospecção fitoquímica.....	20
3.1.5 Testes físico-químicos	20
3.1.6 Testes de identificação.....	20
3.1.7 Testes de quantificação.....	21
3.1.8 Outras informações úteis para o controle de qualidade	22
3.2 DERIVADO VEGETAL	22
3.2.1 Descrição	22
3.2.2 Método de obtenção.....	22
3.2.3 Caracteres organolépticos.....	23
3.2.4 Requisitos de pureza	23
3.2.5 Testes físico-químicos	23
3.2.6 Prospecção fitoquímica.....	23
3.2.7 Testes de identificação.....	24
3.2.8 Testes de quantificação.....	24
3.3 PRODUTO FINAL	25
3.3.1 Forma farmacêutica	25
3.3.2 Testes específicos por forma farmacêutica.....	25
3.3.3 Requisitos de pureza	25
3.3.4 Resíduos químicos	25
3.3.5 Prospecção fitoquímica.....	26
3.3.6 Testes de identificação.....	26
3.3.7 Testes de quantificação.....	26

4	INFORMAÇÕES DE SEGURANÇA E EFICÁCIA	28
4.1	USOS POPULARES E/OU TRADICIONAIS	29
4.2	PRESENÇA EM NORMATIVAS SANITÁRIAS BRASILEIRAS	29
4.3	ESTUDOS NÃO CLÍNICOS	30
4.3.1	Estudos toxicológicos	30
4.3.2	Estudos farmacológicos	33
4.4	ESTUDOS CLÍNICOS	46
4.4.1	Fase I	46
4.4.2	Fase II	50
4.4.3	Fase III	55
4.4.4	Fase IV	55
4.4.5	Estudos observacionais	55
4.5	RESUMO DAS AÇÕES E INDICAÇÕES POR DERIVADO DE DROGA ESTUDADO	56
4.5.1	Vias de administração	56
4.5.2	Dose diária e posologia (dose e intervalo)	56
4.5.3	Período de utilização	57
4.5.4	Contraindicações	57
4.5.5	Grupos de risco	58
4.5.6	Precauções de uso	58
4.5.7	Efeitos adversos relatados	58
4.5.8	Interações medicamentosas	60
4.5.9	Informações de superdosagem	61
5	INFORMAÇÕES GERAIS	62
5.1	FORMAS FARMACÊUTICAS / FORMULAÇÕES DESCRITAS NA LITERATURA	63
5.2	RODUTOS REGISTRADOS NA ANVISA E OUTRAS AGÊNCIAS REGULADORAS	63
5.3	EMBALAGEM E ARMAZENAMENTO	63
5.4	ROTULAGEM	63
5.5	MONOGRAFIAS EM COMPÊNDIOS OFICIAIS E NÃO OFICIAIS	64
5.6	PATENTES SOLICITADAS PARA A ESPÉCIE VEGETAL	64
5.7	DIVERSOS	67
	REFERÊNCIAS	68





1

IDENTIFICAÇÃO

■ 1.1 NOMENCLATURA BOTÂNICA

Mentha x piperita L.¹⁻³

■ 1.2 SINONÍMIA BOTÂNICA

Dado não encontrado na literatura pesquisada.

■ 1.3 FAMÍLIA

Lamiaceae (antiga *Labiatae*).¹⁻³

■ 1.4 FOTO DA PLANTA

Figura 1 – Planta da espécie *Mentha x piperita* L.



Fonte: Foto obtida do site http://pt.wikipedia.org/wiki/Hortel%C3%A3pimenta#mediaviewer/File:Mentha_piperita_-_Pfefferminze.jpg.

■ 1.5 NOMENCLATURA POPULAR

Sua nomenclatura popular em português é Hortelã-pimenta, em inglês é *peppermint* ou *peppermints*,¹⁻³ na Arábia é *Nana*, Bogota: *Yerba Buona*, na China é *Po Ho*, em francês é *Menthe*, Itália: *Menta piperita*, Espanha: *Menta Inglesa*, Uruguai: *Menta*.⁴

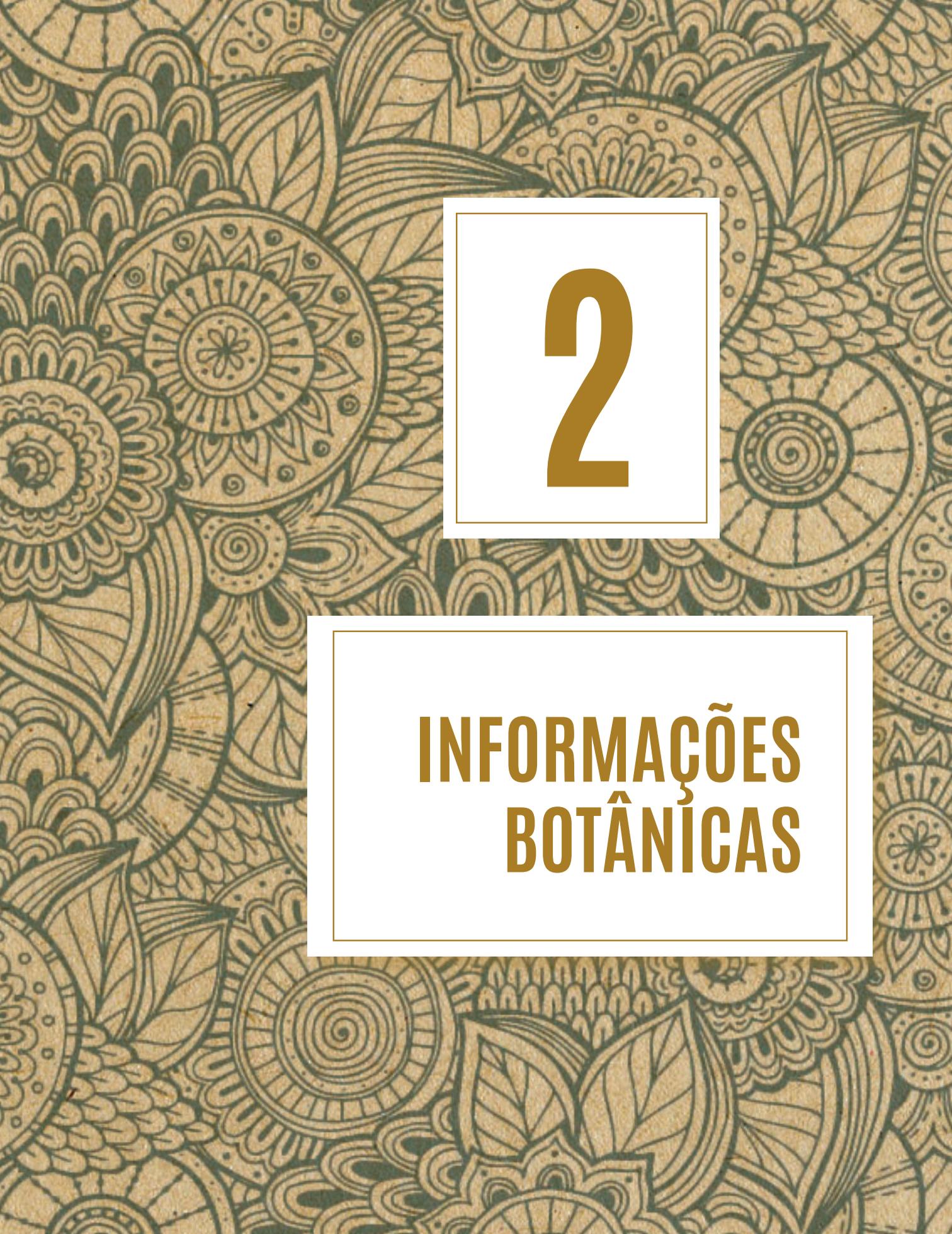
■ 1.6 DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

A *Mentha x piperita* é um híbrido entre *Mentha aquatica* e *Mentha spicata*. É uma planta naturalizada, não endêmica do Brasil. Sua distribuição geográfica no Brasil abrange as Regiões Norte (Acre, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe), Centro--Oeste (Distrito Federal, Goiás e Mato Grosso do Sul), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), Sul (Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina).¹⁻³ A *Mentha x piperita* é cultivada para fins comerciais no Norte e Leste Europeu, Estados Unidos da América bem como África.⁵

■ 1.7 OUTRAS ESPÉCIES CORRELATAS DO GÊNERO, NATIVAS OU EXÓTICAS ADAPTADAS

Não possui descrição referente a outras espécies correlatas.





2

**INFORMAÇÕES
BOTÂNICAS**

■ 2.1 PARTE UTILIZADA / ÓRGÃO VEGETAL

Folhas secas, inteiras, quebradas, cortadas ou pulverizadas.⁶

■ 2.2 DESCRIÇÃO MACROSCÓPICA DA PARTE DA PLANTA UTILIZADA

Segundo descrição da *Farmacopeia Brasileira*, a *Mentha x piperita* é constituída por folhas inteiras, membranosas, rugosas, quebradiças, oposto-cruzadas, pecioladas, verdes a verde-amarronzadas quando secas, com numerosos tricomas glandulares na face abaxial da lâmina, visíveis no aumento de seis vezes ou contra a luz, como pontos claros, amarelos, brilhantes e tricomas tectores distribuídos sobre as nervuras; venação camptódroma-broquidódroma, nervura principal espessa e pronunciada em ambas as faces, nervuras secundárias em ângulo aproximado de 45°, depressas na face adaxial e salientes na face abaxial. Lâmina ovalada a ovalado lanceolada, ápice agudo, base irregularmente arredondada e assimétrica, margem irregularmente serrada, com dentes agudos, medindo de 3 cm a 9 cm de comprimento e 1 cm a 5 cm de largura. Pecíolo de 0,5 cm a 1 cm de comprimento, verde, quando seco vinoso-acastanhado, côncavo na face adaxial, convexo na face abaxial e com costelas laterais, com tricomas iguais aos da lâmina.⁶ É uma mistura de caules finos, fragmentos de folhas e folhas verdes completos, com cheiro forte de mentol. Seu comprimento varia entre 4 cm e 6 cm e a largura entre 1 cm e 2 cm, pecioladas, estreitamente ovais, ápice agudo, base arredondada, margem irregularmente serrilhada.⁷ Os aspectos macroscópicos também podem ser vistos na Figura 2.

■ 2.3 DESCRIÇÃO MICROSCÓPICA DA PARTE DA PLANTA UTILIZADA

Na secção transversal da folha da *Mentha x piperita*, observa-se uma fila de células em paliçada de 55 a 85 u(micro) de comprimento, seguido por um parênquima esponjoso 3-4 linhas de células, e em ambas as epidermes destacam-se células com paredes onduladas e têm dois tipos de estômatos e tricomas. Misturado com outras estruturas celulares foram observados corpúsculos esféricos de óleo.⁷ Segundo a *Farmacopeia Brasileira*, apresenta lâmina foliar de simetria dorsiventral, hipoanfiestomática, com estômatos diacíticos. Em vista frontal, a cutícula é lisa e as

células da epiderme têm paredes anticlinais de contorno ondulado na região entre as nervuras, e paredes retilíneas sobre as nervuras. São observados cinco tipos de tricomas em ambas as faces: (1) tricoma tector pluricelular, longo, delgado, agudo, unisseriado, com 2 a 14 células, a célula basal de maior comprimento e a apical de ápice obtuso; alguns destes tricomas, quando com maior número de células, apresentam coroa de células basais; cutícula espessa e marcadamente estriada; (2) tricoma tector pluricelular, com duas a seis células, bisseriado na base, com cutícula espessa e estriada; (3) tricoma glandular com pedicelo unicelular, curto e cabeça unicelular, arredondada, com cutícula delgada; (4) tricoma glandular com pedicelo unicelular, bicelular ou tricelular, curto e cabeça unicelular elíptica, com cutícula delgada; (5) tricoma glandular peltado, de pedicelo curto, formado por uma ou duas células na porção basal e cabeça pluricelular com oito células de disposição radial, geralmente com cutícula dilatada e de coloração parda. Em secção transversal, a cutícula é delgada e a epiderme é uniestratificada, com células achatadas tangencialmente, ricas em gotas de óleo; os estômatos são projetados; tricomas tectores do tipo 1 ocorrem em maior número na face abaxial e sobre a região da nervura principal e os do tipo 2 são raros; tricomas glandulares, dos tipos 3 e 4, estão distribuídos por toda a lâmina; tricomas glandulares peltados, do tipo 5, são depressos na epiderme e mais frequentes na face abaxial da região intercostal; parênquima paliçádico uniestratificado, com células compactas e curtas; parênquima esponjoso triestratificado ou mais, preenchendo em torno de 60% da secção; gotas de óleo abundantes; cristais de oxalato de cálcio ausentes. A nervura principal, em secção transversal, apresenta cutícula espessa na face abaxial; as células epidérmicas são poligonais, ovaladas, pequenas e com parede periclinal externa espessa; o colênquima é angular, uniestratificado ou com mais camadas junto à face adaxial, seguido nesta face por um clorênquima com até cinco camadas de células poligonais e pelo parênquima.

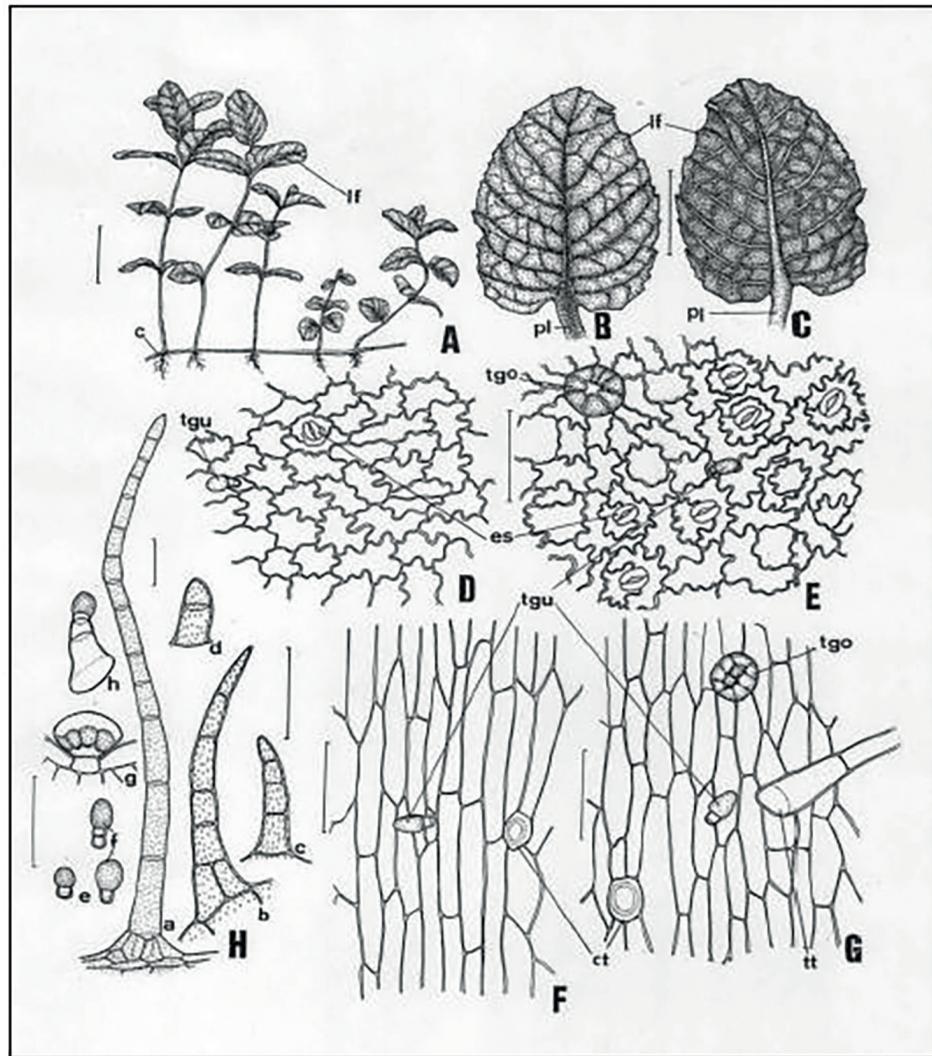
Este último, junto à face abaxial, é formado por até dez camadas de células isodiamétricas com grandes espaços intercelulares. O sistema vascular é formado por um ou mais feixes colaterais abertos ou não, apresentando floema bem desenvolvido com calota de fibras voltada para a face abaxial, ou com algumas fibras isoladas localizadas externamente. O pecíolo, em secção transversal, apresenta cutícula espessa e lisa, epiderme uniestratificada, de células poliédricas, estômatos projetados, com maior frequência de tricomas do tipo 1; o córtex apresenta colênquima angular com até oito camadas na região das costelas e

uniestratificado na face abaxial; clorênquima mais compactado na região das costelas; parênquima cortical formado por células ovaladas, de grande volume, com maiores espaços intercelulares junto à face abaxial; endoderme rica em grãos de amido; sistema vascular com três ou mais feixes colaterais, o central amplamente aberto, com floema expressivo, com ou sem fibras. Gotas de óleo ocorrem no clorênquima, no parênquima cortical e na endoderme.⁶ Os aspectos microscópicos também podem ser vistos na Figura 2.

2.3.1 DESCRIÇÃO MICROSCÓPICA DO PÓ

Segundo a *Farmacopeia Brasileira*, o pó atende a todas as exigências estabelecidas para a espécie, menos os caracteres macroscópicos. Examinar ao microscópio, utilizando solução de hidrato de cloral. São características: folhas quebradas ou cortadas, frequentemente amassadas, de cor verde-acastanhada; fragmentos da lâmina com células epidérmicas de paredes sinuosas e estômatos diacíticos numerosos, principalmente na face abaxial; tricomas como os descritos, principalmente os do tipo 1; fragmentos do mesofilo heterogêneo assimétrico, como descrito; fibras; elementos traqueais de espessamento helicoidal; cristais amarelos de mentol sob a cutícula dos tricomas peltados podem ser observados; cristais de oxalato de cálcio ausentes.⁶

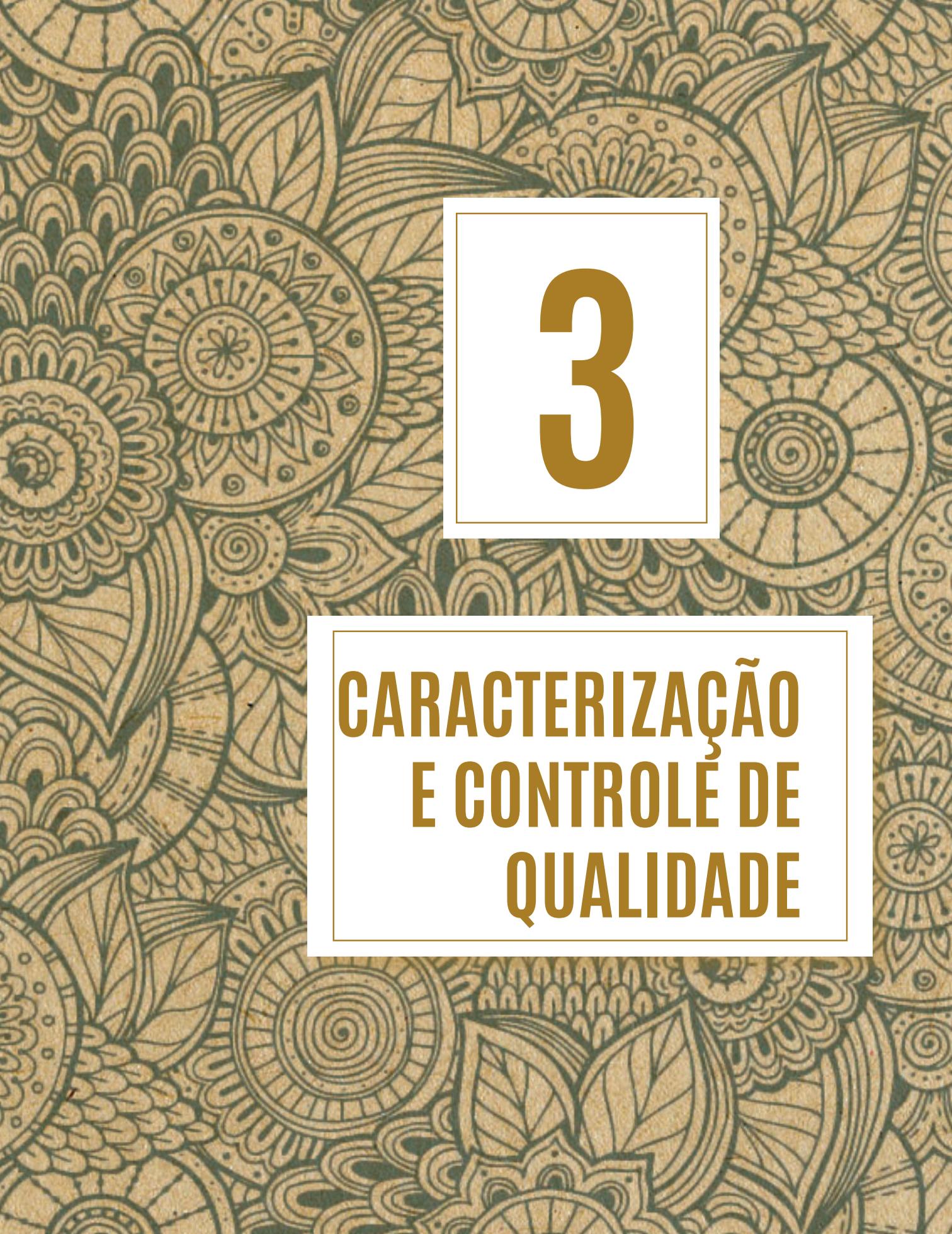
Figura 2 – Aspectos macroscópicos e microscópicos em *Mentha x piperita* L. obtido da *Farmacopeia Brasileira*⁶



Notas: A) Aspecto geral de um ramo: caule (c); lâmina foliar (lf). B) Vista da face adaxial de uma folha: lâmina foliar (lf); pecíolo (pl). C) Vista da face abaxial de uma folha: lâmina foliar (lf); pecíolo (pl). D) Detalhe de uma porção da face adaxial da epiderme da lâmina foliar, na região intercostal, em vista frontal: estômato (es); tricoma glandular com cabeça unicelular (tgu). E) Detalhe de uma porção da face abaxial da epiderme da lâmina foliar, na região intercostal, em vista frontal: estômato (es); tricoma glandular com cabeça octacelular (tgo); tricoma glandular com cabeça unicelular (tgu). F) Detalhe de uma porção da face adaxial da epiderme da lâmina foliar, sobre a nervura principal, em vista frontal: cicatriz do tricoma tector (ct); tricoma glandular com cabeça octacelular (tgo); tricoma glandular com cabeça unicelular (tgu); tricoma tector (tt). G) Detalhe de uma porção da face abaxial da epiderme da lâmina foliar, sobre a nervura principal, em vista frontal: cicatriz do tricoma tector (ct); tricoma glandular com cabeça octacelular (tgo); tricoma glandular com cabeça unicelular (tgu); tricoma tector (tt). H) Tricomas: detalhe de um tricoma tector pluricelular unisseriado, com coroa de células basais, em vista lateral (a); detalhe de um tricoma tector tetracelular unisseriado, com a base bisseriada, em vista lateral (b); detalhe de um tricoma tector bicelular unisseriado, em vista lateral (d); detalhe de tricoma glandular de cabeça arredondada e pedicelo unicelular, em vista lateral (e); detalhe de tricomas glandulares de cabeça unicelular elíptica, pedicelo unicelular ou bicelular e unisseriado, em vista lateral (f); detalhe de tricoma glandular, com cabeça secretora octacelular, em vista lateral (g); detalhe de tricoma glandular de cabeça unicelular, pedicelo trilocular e unisseriado, em vista lateral (h). Obtido da *Farmacopeia Brasileira*.⁶

■ 2.4 INFORMAÇÕES SOBRE POSSÍVEIS ESPÉCIES VEGETAIS SIMILARES QUE POSSAM SER UTILIZADAS COMO ADULTERANTES

Pode ocorrer adulteração com *Mentha crisper* L., que apresenta tricomas glandulares com cabeça de 12 células e tricomas tectores de paredes finas e de uma a seis células.⁶



3

**CARACTERIZAÇÃO
E CONTROLE DE
QUALIDADE**

■ 3.1 ESPÉCIE VEGETAL / DROGA VEGETAL

3.1.1 Caracteres organolépticos

Segundo a *Farmacopeia Brasileira*, a droga vegetal tem odor forte, aromático, penetrante, semelhante ao mentol e sabor aromático picante, com sensação de frescor agradável.⁶

3.1.2 Requisitos de pureza

3.1.2.1 Perfil de contaminantes comuns

De acordo com a *Farmacopeia Brasileira*, o limite para materiais estranhos é de, no máximo, 10% de caules quadrangulares, glabros ou com tricomas tectores; escassos fragmentos de caules reconhecidos pelas fibras, além de numerosos elementos de vaso, fragmentos de flores como os descritos.⁶

3.1.2.2 Microbiológico

Os testes para microrganismos específicos e limites de contaminação microbiana estão descritos nas diretrizes da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre métodos de controle de qualidade para plantas medicinais.⁸

3.1.2.3 Teor de umidade

Realizar teste de acordo com métodos gerais presente na *Farmacopeia Brasileira*.⁶ O limite máximo aceito deve ser de 12%.⁶

3.1.2.4 Metal pesado

Para limite e análise de metais pesados, deve-se consultar as orientações da OMS em métodos de controle de qualidade para plantas medicinais⁸ e os métodos gerais presentes na *Farmacopeia Brasileira*.⁶

3.1.2.5 Resíduos químicos

O limite máximo recomendado de aldrin e dieldrin é de 0,05 mg/kg.⁶ Para outros pesticidas, é necessário consultar as diretrizes da OMS sobre métodos de controle de qualidade para plantas medicinais.⁸

3.1.2.6 Cinzas

Realizar teste presente na *Farmacopeia Brasileira*, conforme descrito em seus métodos gerais. O limite máximo para as cinzas totais deve ser de 15%.⁶

3.1.3 Granulometria

Dado não encontrado na literatura pesquisada.

3.1.4 Prospecção fitoquímica

A espécie é rica em monoterpenos, alcaloides, flavonoides, fenois, taninos e esteroides.^{5,6,9}

3.1.5 Testes físico-químicos

Acidez: não mais do que 1,4.⁵

Densidade Relativa: 0,900-0,916.⁵

Índice de refração: 1,457-1,467.⁵

Rotação óptica: -10° a -30°.⁵

Solubilidade Solvente: etanol (96%), cloreto de metileno e éter.⁵

3.1.6 Testes de identificação

De acordo com a monografia da OMS de 2003^{5,6} para a *Mentha x piperita*, os testes de identificação podem ser realizados por cromatografia gasosa para os perfis característicos dos monoterpenos. A *Farmacopeia Brasileira*^{5,6} descreve que os testes de identificação devem ser realizados conforme descrito na cromatografia em camada delgada (CCD) (5.2.17.1), utilizando sílica-gel GF254, com espessura de 250 µm, como fase estacionária e tolueno e acetato de etila (95:5) como fase móvel. Aplicar, separadamente, em forma de banda, 20 µL da solução (1) e 10 µL da solução (2), recentemente preparadas, descritas a seguir. Solução (1): agitar 0,2 g da droga recentemente pulverizada com 2 mL de cloreto de metileno. Filtrar. Evaporar à secura (40°C) e dissolver o resíduo em 0,1 mL de tolueno. Solução (2): diluir 50 mg de mentol SQR, 20 µL de 1,8-cineol, 10 mg de timol e 10 µL de acetato de mentila em tolueno e completar a 10 mL com o mesmo solvente. Desenvolver o cromatograma. Remover a placa, deixar secar ao ar. Observar sob luz ultravioleta (254 nm). O cromatograma, obtido com a Solução (1), apresenta, na parte superior da cromatoplaça, quatro manchas principais, que correspondem em posição, cor e intensidade de fluorescência àsquelas obtidas com a Solução (2). Em seguida, nebulizar a placa com anisaldeído SR e deixar em estufa entre

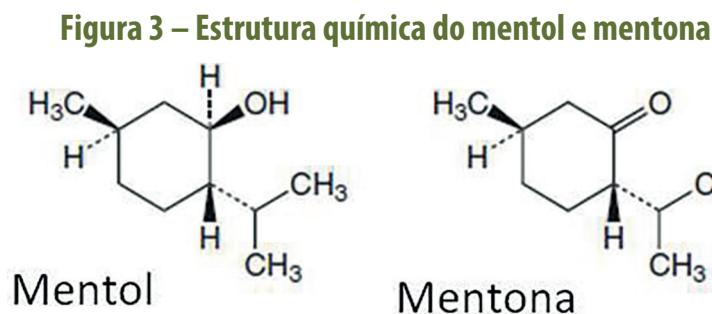
100°C e 105°C, durante 5 a 10 minutos. A mancha correspondente ao acetato de mentila (Rf 0,81 aproximadamente) apresenta coloração azul-violeta, a mancha correspondente ao timol (Rf 0,65 aproximadamente) apresenta coloração rósea, a mancha correspondente ao 1,8-cineol (Rf 0,60 aproximadamente) apresenta coloração de azul a violeta-castanho e a mancha correspondente ao mentol (Rf 0,55 aproximadamente) apresenta coloração de azul a violeta.^{5,6}

Doseamento: o doseamento do óleo essencial da *Mentha x piperita* pode ser realizado como descrito na *Farmacopeia Brasileira*.^{5,6} A *Farmacopeia Brasileira* recomenda proceder conforme descrito em Determinação de óleos voláteis em drogas vegetais (5.4.2.7). Utilizar balão de 500 mL contendo 200 mL de água como líquido de destilação. Adicionar 0,5 mL de xileno pela abertura k. Utilizar planta seca rasurada. Proceder imediatamente à determinação do óleo volátil, a partir de 20 g da droga. Destilar por quatro horas.

3.1.7 Testes de quantificação

3.1.7.1 Componentes químicos e suas concentrações: descritos e majoritários, ativos ou não

Os componentes químicos das folhas da *Mentha x piperita* variam de acordo com a maturidade da planta, a variedade, a região geográfica e as condições de processamento.¹⁰ Os principais componentes químicos são o mentol (30%-55%) e mentona (14%-32%). Mentol ocorre principalmente na forma de álcool livre, com pequenas quantidades como o de etilo (3%-5%) e ésteres de valerato. Outros monoterpenos presentes incluem isomentona (2%-10%), 1,8-cineol (6%-14%), α -pineno (1,0%-1,5%), β -pineno (1-2%), limoneno (1%-5%), neomentol (2,5%-3,5%), mentofurano (1%-9%), acetato de mentilo (3%-5%), carvona (não mais do que 1,0%) e pulegona (não mais de 4,0%).^{5,6,11} As estruturas dos monoterpenos, mentol e mentona, são apresentados na Figura 3.



3.1.8 Outras informações úteis para o controle de qualidade

Armazenamento: deve ser feito em recipientes de vidro bem fechados, ao abrigo da luz e do calor^{6,7} ou até mesmo em frascos de polietileno o qual mostrou retenção de 50% de mentol, com pequena redução no percentual de óleo essencial. No entanto, em envelopes de papel kraft foi observado maiores perdas de odor característico aos oito meses e redução da quantidade de mentol em até 10% durante este período.⁷

Secagem: em geral, para todas as variantes de secagem utilizadas, o tempo de secagem foi curto, e este tempo utilizado manteve o cheiro da planta, cor e conteúdo do óleo essencial.⁷

O estudo realizado por Curutchet *et al.*¹² demonstrou que a atividade respiratória da *Mentha x piperita* diminuiu moderadamente (42%), após 21 dias a 0°C. No entanto, a cor da superfície, clorofila, carotenoides e compostos antioxidantes mantiveram-se praticamente constantes. Além disso, o rendimento de óleo essencial não se alterou depois de 21 dias a 0°C. Os componentes de aroma característicos da *Mentha x piperita* (mentol e mentona) aumentaram durante o período mencionado.¹²

■ 3.2 DERIVADO VEGETAL

3.2.1 Descrição

O maior derivado vegetal da *Mentha x piperita* é o óleo volátil, também denominado de óleo essencial.⁶ No entanto, outro derivado muito utilizado é o chá obtido por infusão conhecido popularmente como abafado, por meio da extração da folha seca e rasurada em água quente.⁴ Porém, muitos estudos têm sido realizados com vários métodos de extração e solventes diversos (etanol, hexano, acetato de etila, diclorometano etc.).^{9,13-16}

3.2.2 Método de obtenção

O óleo volátil é obtido por arraste de vapor-d'água das partes aéreas frescas da espécie vegetal, sendo constituído de, no mínimo, 35% de mentol.^{6,17}

3.2.3 Caracteres organolépticos

De acordo com a *Farmacopeia Brasileira*, o óleo volátil é um líquido incolor, amarelo pálido ou amarelo esverdeado pálido, com odor e sabor característicos, seguido de sensação de frescor.⁶

3.2.4 Requisitos de pureza

3.2.4.1 Perfil de contaminantes comuns

Dado não encontrado na literatura pesquisada.

3.2.4.2 Microbiológico

Dado não encontrado na literatura pesquisada.

3.2.4.3 Teor de umidade

Dado não encontrado na literatura pesquisada.

3.2.4.4 Metal pesado

Dado não encontrado na literatura pesquisada.

3.2.4.5 Resíduos químicos

Dado não encontrado na literatura pesquisada.

3.2.5 Testes físico-químicos

Densidade relativa: 0,900 a 0,916.⁶

Índice de refração: 1,457 a 1,467.⁶

Poder rotatório: -10° a -30°.⁶

Índice de acidez: no máximo, 1,4. Determinar em 5 g de óleo volátil, diluídos em 50 mL de mistura de solventes.⁶

3.2.6 Prospecção fitoquímica

Não há estudos sobre as prospecções fitoquímicas para o óleo essencial e para os extratos nas monografias das farmacopeias oficiais. No entanto, alguns autores utilizam o método de cromatografia líquida de alta eficiência (Clae), cromatografia gasosa e espectrometria de massa para a detecção de constituintes químicos presentes nesses derivados.^{15,18-21} Porém, os componentes químicos das folhas de hortelã-pimenta e óleo essencial variam de acordo com a maturidade da planta, variedade, região geográfica e as condições de processamento.¹⁰

3.2.7 Testes de identificação

A identificação do óleo essencial é feita por cromatografia em camada delgada de acordo com os procedimentos descritos na *Farmacopeia Brasileira*.⁶

3.2.8 Testes de quantificação

3.2.8.1 Componentes químicos e suas concentrações: descritos e majoritários, ativos ou não

Os principais componentes químicos encontrados no óleo volátil estão descritos na Tabela 1. Na Figura 4 pode ser observado o cromatograma ilustrativo, ambos (Tabela 1 e Figura 4) foram obtidos da *Farmacopeia Brasileira*⁶ para o óleo volátil de *Mentha x piperita*, sendo que os compostos majoritários descritos são o mentol e mentona.⁶

Figura 4 – Cromatograma ilustrativo obtido da *Farmacopeia Brasileira* para o óleo volátil de *Mentha x piperita*⁶

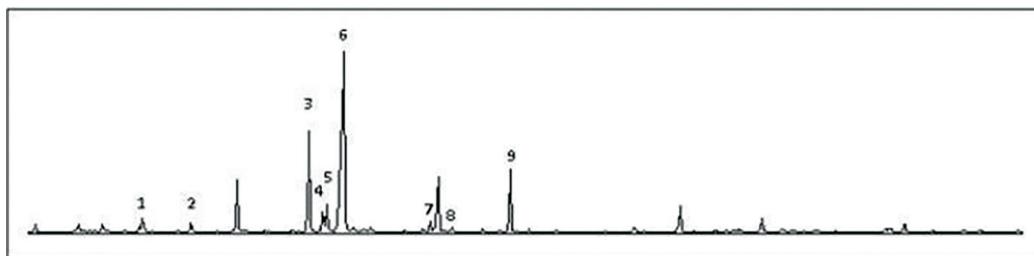


Tabela 1 – Porcentagens dos principais constituintes químicos presentes na *Mentha x piperita* de acordo com a *Farmacopeia Brasileira*⁶

Pico	Índice de Retenção	Constituinte	Teor (%)
1	1023	1 Limoneno	0,5 – 5,0
2	1025	1,8-Cineol	0,5 – 13,0
3	1147	Mentona	6,0 – 30,0
4	1156	Isomentona	2,0 – 10,0
5	1160	Neo-mentol	2,0 – 3,5
6	1165	Mentol	35,0 – 79,0
7	1230	Pulegona	máximo 2,0
8	1237	Carvona	máximo 1,0
9	1290	Acetato de mentila	3,0- 10,0

3.2.8.2 Outras informações úteis para o controle de qualidade

Recomenda-se armazenar o óleo essencial em recipientes de vidro, hermeticamente fechados, ao abrigo da luz, oxigênio e calor.⁶

■ 3.3 PRODUTO FINAL

3.3.1 Forma farmacêutica

De acordo com a *Farmacopeia Europeia*, existem formas farmacêuticas em cápsulas gastrorresistentes (para uso oral) e preparações líquidas ou semissólidas (por via cutânea).¹⁷ O óleo essencial pode ainda ser encontrado na forma de emulsão, spray e outras preparações galênicas.⁵

3.3.2 Testes específicos por forma farmacêutica

Não há monografias nas farmacopeias oficiais contendo estudos sobre as formas farmacêuticas para a *Mentha x piperita*, e não foram encontrados na literatura pesquisada testes específicos para controle da qualidade de formas farmacêuticas contendo essa droga vegetal. Assim, devem ser realizados os testes gerais para produtos finais constantes da *Farmacopeia Brasileira*, como determinação de peso, dureza, friabilidade, desintegração, dissolução, uniformidade de doses unitárias, pH e densidade.⁶

3.3.3 Requisitos de pureza

Não há monografias nas farmacopeias oficiais contendo estudos sobre os requisitos de pureza das formas farmacêuticas para *Mentha x piperita*. Assim, devem ser empregados os métodos e as especificações estabelecidas para a droga vegetal disponíveis na *Farmacopeia Brasileira* ou métodos e especificações existentes para produtos finais na literatura científica.

3.3.4 Resíduos químicos

Não há monografias nas farmacopeias oficiais contendo estudos sobre os requisitos de pureza das formas farmacêuticas para *Mentha x piperita*. Assim, devem ser empregados os métodos e as especificações estabelecidas para a droga vegetal disponíveis na *Farmacopeia Brasileira* ou métodos e especificações existentes para produtos finais na literatura científica.

3.3.5 Prospecção fitoquímica

Não há monografias nas farmacopeias oficiais contendo estudos sobre os requisitos de pureza das formas farmacêuticas para *Mentha x piperita*. Assim, devem ser empregados os métodos e as especificações estabelecidas para a droga vegetal disponíveis na *Farmacopeia Brasileira* ou métodos e especificações existentes para produtos finais na literatura científica.

3.3.6 Testes de identificação

Não há monografias nas farmacopeias oficiais contendo estudos sobre os requisitos de pureza das formas farmacêuticas para *Mentha x piperita*. Assim, devem ser empregados os métodos e as especificações estabelecidas para a droga vegetal disponíveis na *Farmacopeia Brasileira* ou métodos e especificações existentes para produtos finais na literatura científica.

3.3.7 Testes de quantificação

3.3.7.1 Componentes químicos e suas concentrações: descritos e majoritários, ativos ou não

Não há monografias nas farmacopeias oficiais contendo estudos sobre testes de quantificação dos componentes químicos das formas farmacêuticas para a *Mentha x piperita*. Seguem os principais componentes químicos encontrados, sendo que o mentol e mentona são os compostos majoritários.⁶

Limoneno 0,5%-5,0%,

1,8-Cineol 0,5%-13,0%,

Mentona 6,0%-30,0%,

Isomentona 2,0%-10,0%,

Neo-mentol 2,0%-3,5%,

Mentol 35,0%-79,0%,

Pulegona máximo 2,0%,

Carvona máximo 1,0%

Acetato de mentila 3,0%-10,0%.





4

**INFORMAÇÕES
DE SEGURANÇA
E EFICÁCIA**

■ 4.1 USOS POPULARES E/OU TRADICIONAIS

A *Mentha x piperita* é utilizada na medicina popular como adstringente, antisséptico, antipirético, antiespasmódico, anticatarral, antimicrobiano, rubefaciente, estimulante, emenagogo, propriedades antienvhecimento,^{9,22} flatulência, síndrome do cólon irritável, indigestão, náusea, vômito^{7,23} e na neuralgia pós-herpética.²⁴ Nas monografias do Canadá (*Health Canada*) também são encontradas informações dos usos populares da *Mentha x piperita* tais como: propriedade digestiva, para flatulência, náusea, vômito e como carminativa.²⁵

■ 4.2 PRESENÇA EM NORMATIVAS SANITÁRIAS BRASILEIRAS

A *Mentha x piperita* faz parte da notificação de drogas vegetais, conforme descrito na resolução RDC n.º 10, de 9 de março de 2010.²⁶ Seguem os dados descritos nessa resolução, atualmente revogada.

Nomenclatura botânica: *Mentha piperita*

Nomenclatura popular: hortelã-pimenta

Parte utilizada: folhas e sumidades floridas

Forma de utilização: infusão: 1,5 g (3 colheres de café) em 150 mL (xícara de chá)

Posologia e modo de usar: utilizar 1 xícara de chá de 2 a 4 vezes ao dia

Via: oral

Uso: adulto/infantil

Alegações: cólicas, flatulência (gases), problemas hepáticos.

Contraindicações: não deve ser utilizado em casos de obstruções biliares, danos hepáticos.

A *Mentha x piperita* também se encontra na lista de medicamentos fitoterápicos de registro simplificado (Quadro 1) divulgada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) por meio da IN 02/2014.²⁷

i A RDC n.º 10 de 2010 foi revogada pela RDC n.º 26 de 2014, que dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos e sobre o registro e a notificação de produtos tradicionais fitoterápicos.

Quadro 1 – Dados da *Mentha x piperita* publicado na lista de medicamentos fitoterápicos de registro simplificado da Anvisa²⁷

Nomenclatura botânica	<i>Mentha x piperita</i> L.
Nome popular	Hortelã-pimenta
Parte usada	Folhas
Padronização/Marcador	30% (FB ≥35%) a 55% de mentol e 14% a 32% de mentona
Derivado de droga vegetal	Óleo essencial
Indicações/Ações terapêuticas	Expectorante, carminativo e antiespasmódico. Tratamento da síndrome do cólon irritável
Dose Diária	60 a 440 mg de mentol e 28 a 256 mg de mentona
Via de Administração	Oral
Restrição de uso	Venda sem prescrição médica

4.3 ESTUDOS NÃO CLÍNICOS

4.3.1 Estudos toxicológicos

4.3.1.1 Toxicidade aguda

Os estudos de toxicidade aguda envolvendo a *Mentha x piperita* são escassos e apenas três artigos foram encontrados. Os estudos foram realizados com a tintura da *Mentha x piperita* administrada por via oral,²⁸ ou com o óleo essencial administrado via intraperitoneal²⁹ ou por via oral.³⁰ No primeiro estudo, os dados de toxicidade aguda foram realizados em camundongos administrando a tintura da *Mentha x piperita* nas doses de 1.912,5; 3.187,5 ou 6.375,0 mg/kg (dose única) diluído em 66% de etanol.²⁸ Os camundongos foram observados durante 24 horas e por 14 dias após o tratamento. Os resultados demonstraram alterações na respiração, nos quais os camundongos apresentaram respiração acelerada, sedação, incoordenação motora e morte. Estes sintomas foram observados nas primeiras 24 horas após administração e foi resultado do efeito do álcool utilizado como veículo. Outras alterações toxicológicas não foram evidenciadas. A dose letal 50% (DL₅₀) foi estabelecida em 3.646,5 mg/kg. O segundo estudo de toxicidade aguda para o óleo essencial (0,1% e 1% via intraperitoneal) não demonstrou efeitos tóxicos na dose de 0,1% quando administrado em ratos.²⁹ No mesmo estudo não foi demonstrada a DL₅₀ para o óleo essencial e verifica-se limitações, como a não

descrição dos parâmetros observados e a não descrição de efeitos tóxicos para a dose de 1%.²⁹ No terceiro estudo de toxicidade aguda, envolvendo também o óleo essencial, foi demonstrado para doses de 100 a 2.000 mg/kg por via oral (dose única) apenas um efeito tóxico mínimo nos ratos.³⁰

Outros dados sobre toxicidade aguda para *Mentha x piperita* foram obtidos na monografia da OMS (2003),⁵ sendo descrito que a administração intragástrica do extrato das folhas (4 g/kg) em ratos (dose única) não resulta em depressão do sistema nervoso central, efeitos tóxicos ou mortalidade.⁵

Em um artigo de revisão,³¹ foi relatado que o óleo essencial apresenta pouco efeito tóxico quando administrado de forma aguda e por via oral. Nessa mesma revisão, foram descritas que as aplicações repetidas intradérmicas do óleo essencial produzem reações moderadas e graves em coelhos, embora não fototóxico. Foram descritos, também, resultados negativos para o óleo essencial em um ensaio de mutagênese em rato.³¹ Nessa revisão também é discutida a presença do composto pulegona na *Mentha x piperita* que, devido à sua toxicidade, sua segurança foi limitada a uma concentração < ou = 1%. Os autores nessa revisão também discutem o fato de que o mentol, outro composto presente na *Mentha x piperita*, pode intensificar a penetração de outros agentes pela via dérmica. Dessa forma, alerta-se de que essa penetração aumentada pode afetar a sua segurança, que foi baseada em sua falta de absorção. Com a limitação de que a concentração de pulegona nestes ingredientes não deve exceder 1%, os autores dessa revisão concluem que o óleo essencial e o extrato das folhas de *Mentha x piperita* são seguros quando utilizados em formulações cosméticas.³¹

4.3.1.2 Toxicidade subcrônica

Apenas um artigo completo foi encontrado relatando a toxicidade subcrônica para a *Mentha x piperita*. Nesse estudo foi utilizado o óleo essencial nas doses de 100 e 2.000 mg/kg administrados em ratos por via oral (1 vez ao dia, por 30 dias). Os autores relataram que, após 30 dias de tratamento, houve redução em 38,3% dos glóbulos brancos, enquanto a contagem de plaquetas mostrou aumento de 214,12%. Foi ainda registrada uma diminuição significativa no nível de ácido úrico e colesterol como lipoproteínas de alta densidade (HDL) e lipoproteínas de baixa densidade (LDL).³⁰ No entanto, na monografia da WHO⁵ para *Mentha x piperita* é descrito que a administração intragástrica do óleo essencial (100 mg/kg) em ratos (diariamente, durante 28 dias) induz alterações histopatológicas na substância branca do cerebelo. Todavia, nenhuma alteração comportamental é observada nessas condições.⁵

4.3.1.3 Toxicidade crônica

Dado não encontrado na literatura pesquisada.

4.3.1.4 Estudos de embriotoxicidade

De acordo com Golalipour *et al.*,³² a administração oral do extrato hidroalcoólico de *Mentha x piperita* em camundongos (600 mg/kg e 1.200 mg/kg), 1 vez ao dia por 18 dias, iniciando no 1º dia de gestação, causa diminuição na média do peso dos fetos. No entanto, não foi demonstrada diferença significativa na medida da cabeça-nádegas,³² assim como não foi evidenciada a ocorrência de malformações congênitas. Os fetos tratados também não apresentaram ossificação retardada.³²

4.3.1.5 Genotoxicidade

Parra *et al.*³³ relataram, por meio do ensaio de micronúcleo, que a administração oral (2 administrações separadas por um intervalo de 24 horas) da tintura a 1% de *Mentha x piperita*, em camundongos, não causa dano genético.³³ Além disso, no teste de segregação somática *in vitro* usando cepas de *Aspergillus nidulans* não se observou toxicidade e nem genotoxicidade nas concentrações testadas (0,025; 0,050; 0,1; 0,15; 0,2 e 0,250 mg/mL) de tintura da *Mentha x piperita*.³³

Outros dados da literatura para o chá da *Mentha x piperita* (13,8; 27,6; 55,2 mg/mL), administrado como alimento às populações de *Drosophila melanogaster*, demonstra ausência de efeito genotóxico, sendo até mesmo capazes de se comportar como desmutagênicos e desintoxicantes sobre o efeito tóxico do peróxido de hidrogênio nessas moscas.³⁴ Por outro lado, no estudo realizado por Lazutka *et al.*³⁵ foi observada a ocorrência de mutações somáticas em *Drosophila melanogaster* para o óleo essencial da *Mentha x piperita*. Além disso, os mesmos autores também observaram que, quando o óleo essencial é incubado em cultura de linfócitos humanos, causa alterações cromossômicas bem como citotoxicidade.³⁵

4.3.1.6 Sensibilização dérmica

Dado não encontrado na literatura pesquisada.

4.3.1.7 Irritação cutânea

Dado não encontrado na literatura pesquisada.

4.3.1.8 Irritação ocular

Dado não encontrado na literatura pesquisada.

4.3.1.9 Toxicologia in vitro

O óleo essencial (1.0-0,005 µL/mL) apresenta atividade citotóxica em células de carcinoma cervical humano.³⁰ Além disso, o óleo essencial demonstra-se tóxico frente a linhagens celulares Hela (carcinoma maligno de colo uterino humano), Hep2 (carcinoma de laringe humana) e Vero (de rim de macaco Africano verde) com Cl_{50} de 31,2-125,0 µg/mL.³⁶ Essa citotoxicidade para o óleo essencial foi evidenciada também em células RAW264.7 (4×10^5) de mamíferos.³⁷

4.3.2 Estudos farmacológicos

4.3.2.1 Ensaios in vitro

4.3.2.1.1 Atividade antimicrobiana

Existem vários estudos e artigos de revisão demonstrando que a *Mentha x piperita* apresenta atividade antimicrobiana quando avaliada em testes in vitro.^{11,38} Um estudo in vitro relatou que os extratos (etanol, metanol, acetato de etilo, clorofórmio, hexano e de éter de petróleo) obtidos das folhas apresentaram forte atividade antibacteriana contra uma gama de bactérias patogênicas.⁹ Nesse estudo, os extratos das folhas foram mais ativos contra *Bacillus subtilis*, *Staphylococcus aureus* e *Escherichia coli* do que para os *Proteus vulgaris*. Todos os extratos das folhas (etanol, metanol, acetato de etila e clorofórmio), exceto hexano e éter de petróleo, apresentaram alta atividade antibacteriana quando comparado com os extratos de caule (etanol, metanol, acetato de etila, clorofórmio e hexano), que mostraram moderada atividade. Os extratos da raiz (clorofórmio, hexano e éter de petróleo) não apresentaram qualquer atividade em *Streptococcus pneumoniae*, *Staphylococcus aureus*, *Escherichia coli*, *Proteus vulgaris* e *Klebsiella pneumoniae*. O extrato etanólico da raiz mostrou atividade contra *Bacillus subtilis*, *Streptococcus pneumoniae*, *Escherichia coli* e *Proteus vulgaris*. Os resultados obtidos nesse artigo sugerem que o efeito antimicrobiano obtido para os extratos é semelhante ao observado com os antibióticos canamicina, penicilina, cefotaxima e tetraciclina.⁹ Em outro estudo, a atividade antimicrobiana dos extratos da *Mentha x piperita*, obtidos comercialmente de quatro locais diferentes (Estonia, Alemanha, Finlândia, Egito e EUA), foi avaliada em células pulmonares do trato respiratório humano infectados com bactérias *Chlamydia pneumoniae* K.¹³ Os autores observaram que todos os extratos de chá selecionados foram ativos contra *C. pneumoniae*. A inibição do crescimento variou de 20,7% a 69,5% na concentração de 250 µg/mL do extrato.¹³ Outro estudo demonstrou um sinergismo entre o extrato metanólico da *Mentha x piperita* e os seguintes antibióticos: gentamicina, tetraciclina, netilmecina, cloranfenicol, eritromicina e oxacilina para *S. aureus*.¹³ Alguns autores encontraram efeito antibacteriano para o extrato metanólico

(50 mg/mL), obtido das partes aéreas da *Mentha x piperita*, contra *Pseudomonas aeruginosa*.³⁹ Outros autores, usando o extrato aquoso obtido das folhas e caules da *Mentha x piperita* nas concentrações de 10% e 20%, não observaram atividade antimicrobiana, sobre nenhum dos microrganismos pesquisados (*Staphylococcus aureus* (ATCC 25923), *Listeria monocytogenes* (ATCC 33090), *Salmonella choleraesuis* (ATCC 14028), *Shigella flexneri* (ATCC 25931), *Streptococcus mitis* (ATCC 9811) e *Streptococcus mutans*).⁴⁰ Por outro lado, o extrato etanólico obtido das folhas da *Mentha x piperita*, na concentração de 20%, inibiu parcialmente o crescimento de *Shigella flexneri*.⁴⁰ Erturk⁴¹ também demonstrou que extrato etanólico obtido de folhas frescas e galhos da *Mentha x piperita* apresentou atividade antibacteriana e antifúngica.⁴¹ A concentração inibitória mínima para o extrato etanólico foi 5 mg/mL para todos os microrganismos testados.⁴¹ Outro estudo mostrou que o extrato etanólico obtido das partes aéreas (0,39; 0,78; 1,56; 3,12; 6,25; 12,5; 25;50; 100; 200 e 400 mg/mL) inibiu o crescimento de *Mycobacterium bovis* a partir de 100 mg/mL.⁴² Quando o extrato metanólico e diclorometano, obtido das folhas de *Mentha x piperita*, foi investigado frente a *Candida albicans* CBS-562, *Candida dubliniensis* CBS-7987, *Candida parapsilosis* CBS-604, *Candida tropicalis* CBS-94, *Candida guilliermondii* CBS-566, *Candida utilis* CBS-5609, *Candida krusei* CBS-573, *Candida lusitanae* B-06, *Candida glabrata* B-07, *Candida rugosa* B-1, foi observado que somente o extrato metanólico apresentou atividade antimicrobiana contra *Candida albicans*.⁴³

A atividade antibacteriana também foi observada para o suco da folha e do caule da *Mentha x piperita*. O suco da folha da *Mentha x piperita* exibiu atividade antibacteriana mais elevada (zona média de inibição 17,24 mm), enquanto o suco do caule apresentou atividade antibacteriana menor (zona média de inibição 15,82 mm) quando avaliados contra *Escherichia coli*, *Klebsiella pneumoniae*, *Pseudomonas aeruginosa*, *Salmonella typhi*, *Salmonella paratyphi A*, *Salmonella paratyphi B*, *Proteus mirabilis*, *Proteus vulgaris*, *Enterobacter aerogenes*, *Shigella dysenteriae* e *Yersinia enterocolitica*.⁴⁴ O extrato hidroalcoólico, mas não o infuso das folhas frescas, também apresentou atividade antimicrobiana contra *Candida albicans*, *Candida tropicalis* e *Candida glabrata*.⁴⁵ Em outro estudo, o extrato alcoólico apresentou atividade fungicida sobre as amostras de *Candida albicans*, mas não sobre *Candida tropicalis*.⁴⁶

Os estudos envolvendo o óleo essencial da *Mentha x piperita* demonstram potencialização do efeito antimicrobiano para determinados antibióticos testados, como clindamicina, ciprofloxacino, tetraciclina, gentamicina, penicilina e eritromicina.⁴⁷ Kizil et al.¹⁹ também demonstraram para o óleo essencial da *Mentha x piperita* uma forte atividade antimicrobiana contra *S. pyogenes*, *S. aureus*,

C. albicans, *E. coli*, exceto para *P. aeruginosa*.¹⁹ Além disso, outro autor relatou que todos os organismos testados (*Escherichia coli*, *Staphylococcus aureus*, *Pseudomonas aeruginosa*, *Streptococcus faecalis* e *Klebsiella pneumoniae*) foram sensíveis ao óleo essencial.³⁰ No estudo de Bassolé *et al.*,⁴⁸ o óleo essencial da *Mentha x piperita* mostrou fraca atividade antimicrobiana. *Staphylococcus aureus*, *Streptococcus faecalis*, *Salmonella enterica* e *Shigella dysenteriae* foram os mais suscetíveis ao óleo essencial, enquanto *Listeria monocytogenes* foi o menos sensível.⁴⁸ Além disso, outro estudo também mostrou que o óleo essencial obtido de diferentes regiões promove moderada inibição para os patógenos humanos (*Escherichia coli*, *Staphylococcus aureus*, *Pseudomonas aeruginosa*, *Proteus vulgaris*, *Enterobacter aerogenes*, *Salmonella typhimurium*, *Candida albicans*, *Klebsiella pneumoniae*, *Yersinia enterocolitica*, *Listeria monocytogenes*, *Bacillus cereus* e *Staphylococcus epidermidis*).¹⁸ Usando um ensaio de bioautografia, mentol foi considerado como sendo o responsável pela atividade antimicrobiana desses óleos.¹⁸ O óleo essencial a 1% também apresentou atividade antibacteriana contra *Brucella abortus*.⁴⁹ No estudo de Aridogan *et al.*,⁵⁰ o óleo essencial puro (20 µL) da *Mentha x piperita* foi capaz de inibir somente os *Staphylococcus aureus*, não apresentou atividade contra *Escherichia coli*, e *Pseudomonas aeruginosa*.⁵⁰ De forma diferente, os estudos de Mohsenzadeh⁵¹ mostraram que o óleo essencial (0,01% a 15%) possui atividade antibacteriana contra *Staphylococcus aureus* e *Escherichia coli*.⁵¹ Fit *et al.*,⁵² demonstrou que o óleo essencial (1%, 10% e 100%) apresenta efeito antibacteriano contra *Staphylococcus aureus*, resistente à maioria dos antibióticos (gentamicina, canamicina, tetraciclina e penicilina). A área de inibição para o óleo essencial nas três concentrações testadas foi de 18,95 mm, 11,75 mm e 3,4 mm, respectivamente.⁵² Quando avaliado contra *Streptococcus mutans*, o óleo essencial comercial não apresentou atividade antibacteriana.⁵³ Outro estudo usando o óleo essencial (2,0%-0,004%) comercial da *Mentha x piperita* apresentou atividade antimicrobiana tanto para bactérias patogênicas como para bactérias benéficas. Nesse estudo as bactérias e os fungos testados contra o óleo essencial foram: *Bacteroides fragilis* ACM 4768, *Candida albicans* ACM 4574, *Clostridium difficile* ACM 5047, *Clostridium perfringens* ACM 5116, *Enterococcus faecalis* ACM 4769, *Escherichia coli* ACM 1083, *Eubacterium limosum* ACM 383, *Lactobacillus acidophilus* ACM 547, *Lactobacillus plantarum* ACM 96, *Bifidobacterium bifidum* CSCC 1903, *Bifidobacterium longum* CSCC 5188 e *Peptostreptococcus anaerobius* ACM 5059.⁵⁴ O óleo essencial (5%, 10%, 15%, 20%, 25% e 30%) também foi eficaz contra todas as bactérias Gram- -negativas e Gram-positivas testadas (*Bacillus cereus*, *Bacillus subtilis*, *Staphylococcus aureus*, *Escherichia coli*, *Klebsiella pneumoniae* e *Pseudomonas aeruginosa*), e esse efeito foi progressivo com o aumento da concentração do óleo.⁵⁵ Outro estudo demonstrou que o óleo essencial da *Mentha x piperita*

apresenta modesta atividade antibacteriana (inibição de $10,6 \pm 0,22$ mm) contra *Klebsiella pneumoniae* quando comparado com os antibióticos padrão amicacina e ciprofloxacino.⁵⁶ Saeed *et al.*,⁵⁷ estudaram os efeitos antimicrobianos do chá, do suco, bem como do óleo essencial, isolados das folhas e dos caules de *Mentha x piperita* contra *Escherichia coli*, *Klebsiella pneumoniae*, *Pseudomonas aeruginosa*, *Salmonella typhi*, *Salmonella paratyphi A*, *Salmonella paratyphi B*, *Proteus mirabilis*, *Proteus vulgaris*, *Shigella dysenteriae*, *Yersinia enterocolitica* e *Enterobacter aerogenes*. Eles observaram a maior atividade antibacteriana com 11,78 mm de zona de inibição para o óleo essencial. O suco também apresentou atividade antibacteriana com 10,41 mm de zona média de inibição, enquanto todos os microrganismos isolados foram totalmente resistentes à infusão aquosa e decocção de *Mentha x piperita*.⁵⁷ Outros estudos também demonstram atividade antimicrobiana para o óleo essencial.^{45,58-63} Atividade antidermatófito e atividade da queratinase também foram avaliadas usando extrato aquoso e o óleo essencial.⁶⁴ A atividade do extrato aquoso seco e do óleo essencial da *Mentha x piperita* foi avaliada frente a *Trichophyton rubrum* e *Microsporum canis*. Para a realização da atividade da queratinase, os compostos foram incubados em culturas desses fungos suplementadas com cabelo humano contendo a proteína total dele. O extrato aquoso seco e o óleo essencial mostraram atividade contra esses dermatófitos testados. O extrato aquoso seco também mostrou alta atividade da enzima queratinase.⁶⁴

O efeito sinérgico do óleo essencial na atividade bactericida de nitrofurantoína contra *Enterobacter cloacae* (a qual foi resistente a nitrofurantoína em uma concentração elevada 275 µg/mL), foi estudado usando um método de difusão de disco. Uma concentração subinibitória (30 µg/mL) de nitrofurantoína foi adicionada à placa de agar Mueller-Hinton com ou sem o óleo essencial (2, 4, 8 e 16 µL). O óleo essencial mostrou atividade antibacteriana em concentração mais elevada (16 µL/disco), e foi capaz de aumentar a zona de inibição na presença de concentrações sub-inibitórias de nitrofurantoína.⁶⁵ Toroglu⁶⁶ observou em seus estudos um efeito sinérgico, antagônico e aditivo para o óleo essencial em associação com outros antibióticos. Ele notou que o óleo essencial puro (2 µL) formou uma zona de inibição contra *Escherichia coli*, *Staphylococcus aureus*, *Pseudomonas pyocyaneus*, *Yersinia enterocolitica*, *Aeromonas hydrophila*, *Enterococcus faecalis*, *Saccharomyces cerevisiae* e *K. fragilis*. A zona de inibição foi maior para *Yersinia enterocolitica* e *Enterococcus faecalis*, e menor para *Pseudomonas pyocyaneus*. Porém um efeito sinérgico ocorreu entre o óleo essencial puro da *Mentha x piperita* (2 µL) e gentamicina (10 µg), e um efeito aditivo foi observado em *B. megaterium* e *S. faecalis*. Além disso, um antagonismo ocorreu para as outras bactérias. O

efeito sinérgico também foi observado como combinação do óleo essencial e cefalotina (30 µg) para *Micrococcus luteus*, *Bacillus megaterium* e *Brevibacillus brevis*. Um efeito aditivo também ocorreu para *Mycobacterium smegmatis* e um antagonismo ocorreu para as outras bactérias. O óleo essencial e ceftriaxona (10 µg) foram sinérgicos para *Brevibacillus brevis*, e um antagonismo ocorreu para as outras bactérias.⁶⁶ Outros estudos mostraram efeito antimicrobiano para o óleo essencial e efeito sinérgico com outros antibióticos.^{67,68} O óleo essencial da *Mentha x piperita* (0,025% a 3,5%) também causou grande efeito inibitório para *Staphylococcus aureus* quando comparado com sua ação sobre *Escherichia coli*. Nesse estudo também foi observado um efeito sinérgico entre o óleo essencial e o extrato de própolis (0,1% a 14%) contra *Staphylococcus aureus* e *Escherichia coli*.⁶⁹ Outros estudos mostram que o óleo essencial foi efetivo em inibir *Enterococcus faecium*, *Salmonella choleraesuis* e *Candida albicans*.⁷⁰ O óleo essencial e o extrato etanólico da *Mentha x piperita* apresentaram moderada atividade contra *Candida albicans*.^{71,72}

4.3.2.1.2 Atividade antioxidante

Estudos com o extrato liofilizado (1 µg/mL a 1.000 µg/mL) e o extrato metanólico (0,5 mg/mL) obtido das partes aéreas ou da planta seca, respectivamente, da *Mentha x piperita* mostraram atividade redutora e quelante de ferro,⁷³ bem como atividade antioxidante quando avaliada pelo teste de 2,2-Difenil-1-picril-hidrazila (DPPH), que mede a atividade sequestradora de radicais livres.^{73,74} Semelhantemente, outro estudo com extrato etanólico obtido das folhas da *Mentha x piperita* apresentou potente atividade antioxidante nos teste de DPPH, cujos autores encontraram concentração inibitória de 50% (Cl₅₀) de 5,06-9,95 µg/mL.¹⁵ A atividade redutora e quelante de ferro, bem como antioxidante, foi observada também com o chá (1 mL da infusão) da *Mentha x piperita* comprado em um mercado local de Queretáro, México.⁷⁵ Os estudos de Albayrak *et al.*,³⁹ com extrato metanólico ou chá obtido por infusão e decocção de partes aéreas da *Mentha x piperita* obtida no mercado local de Kayseri, Turquia, também mostraram grande atividade antioxidante, sendo que o extrato metanólico foi o que teve maior capacidade antioxidante, seguido pelo infuso e decocto, quando avaliados no teste de DPPH.³⁹ Foi observado, também, que o extrato etanólico possui atividade antioxidante (concentração inibitória 50% - Cl₅₀ de 129,3 ± 4,5 mg/mL no teste de DPPH).⁷⁶ O extrato etanólico obtido das partes aéreas da *Mentha x piperita* ainda mostrou potente atividade sequestradora de óxido nítrico nas concentrações entre 0,1 e 1,6 mg/mL. O extrato apresentou boa atividade quelante de ferro (Fe²⁺) (Cl₅₀ foi 698,3 ± 18,8 µg/mL), exibiu baixa atividade antioxidante no modelo de peroxidação de ácido linoleico induzido por hemoglobina e boa atividade sequestradora peróxido de hidrogênio (H₂O₂).⁷⁶

Nos estudos de Heidari *et al.*,⁷⁷ foram também evidenciados que os extratos etanólicos, metanólicos e etanólicos/metanólicos obtidos das folhas frescas, tiveram respostas diferentes com métodos antioxidantes diferentes. O extrato metanólico mostrou melhor atividade sequestradora de radical superóxido (% de inibição: $47,05 \pm 0,85\%$) e peróxido de hidrogênio (% de inibição: $91,05 \pm 1,50\%$). O extrato metanol/etanol mostrou melhor atividade sequestradora de radicais livres (% de inibição: $82,82 \pm 2,57\%$, $CI_{50} = 10,02 \pm 0,63$ mg/mL), bem como redução da atividade férrica. O extrato etanólico mostrou maior atividade sequestradora de radicais.⁷⁷ Outros estudos também tem confirmado essa atividade antioxidante da *Mentha x piperita*. De fato, estudos usando o extrato aquoso seco, obtido das folhas frescas, também observaram uma excelente atividade sequestradora de radicais livres.^{78,79} Não somente os extratos da *Mentha x piperita* apresentam atividade antioxidante, redutora de ferro e inibição da peroxidação lipídica. Vários estudos têm demonstrado que o óleo essencial também apresenta essa atividade.^{19,30,80,81}

4.3.2.1.3 Atividade antiviral

Três artigos demonstraram que o extrato aquoso seco e o óleo essencial possuem atividade antiviral. No primeiro artigo, os autores demonstram que o extrato aquoso seco, obtido das folhas, exibiu alta atividade antiviral (50% de inibição em concentrações muito baixas 0,004%) contra infecção causada pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV-1) utilizando modelo pNL4-3, em linhagens de células T, macrófagos primários e em histocultura de amígdala humana. No ensaio de fusão do vírus HIV-1 foi demonstrado um drástico prejuízo na fusão do vírus após tratamento com o extrato. Somente na concentração de 1% o extrato foi citotóxico no teste de viabilidade celular.⁸² No segundo artigo, os autores testaram o extrato seco, obtido das folhas, em células RC37 infectadas com o vírus do herpes simples tipo 1 e 2 (HSV-1, HSV-2) e herpes simples resistente ao aciclovir. Foi observado que o extrato seco também apresentou elevada atividade antiviral contra o HSV-1, HSV-2 e HSV resistente ao aciclovir. Ambos os tipos de vírus da herpes, incluindo os resistente ao aciclovir, foram neutralizados consideravelmente após o tratamento com o extrato seco antes da infecção.²¹ Não foi observada inibição quando o extrato foi adicionado após a infecção. Esses resultados indicam que o extrato afeta HSV antes de adsorção, mas não tem efeito sobre a replicação intracelular do vírus.²¹ O terceiro artigo relata o efeito do óleo essencial nas células RC37 infectadas com o HSV-1, HSV-2 e herpes simples resistente a aciclovir. A CI_{50} do óleo essencial para a formação de placa do vírus herpes simples foi determinada a 0,002% e 0,0008% para HSV-1 e HSV-2, respectivamente. O óleo essencial exibiu altos níveis de atividade antiviral contra o HSV-1 e HSV-2. Em concentrações não

citotóxicas, a formação de placa do vírus foi significativamente reduzida em 82% e 92% para HSV-1 e HSV-2, respectivamente. Herpesvírus foram significativamente inibidos quando o vírus da herpes simples foi pré-tratado com o óleo essencial antes da adsorção.²⁴ Em um artigo de revisão também são descritos esses efeitos antivirais para o vírus da herpes simples, bem como os efeitos antimicrobianos para a *Mentha x piperita* já descritos.⁸³

4.3.2.1.4 Atividade anti-helmíntica e antiprotozoária

Um estudo usando o extrato aquoso seco revelou atividade antiparasitária contra lombriga terrestre do gênero Califórnia vermelho. As doses testadas foram 0,475; 0,950 e 1,900 g/dl, sendo que a maior dose foi mais potente do que a droga de referência utilizada (Piperazina 2,0%).⁸⁴ O óleo essencial também apresentou atividade anti-helmíntica contra *Haemonchus contortus* obtidos a partir de fezes de dois cordeiros (coletadas diretamente do reto) infectados experimentalmente com a cepa *Haemonchus contortus* Pratânia, a qual tem mostrado resistência anti-helmíntica para todas as classes de medicamentos disponíveis comercialmente no Brasil. A concentração letal 50% (CL₅₀) de 0,018 mg/mL e concentração letal 90% (CL₉₀) de 0,03 mg/mL foi encontrada para o óleo essencial nos testes de eclosão dos ovos e nos testes de desenvolvimento larval.²⁰

A atividade antiprotozoária para o extrato metanólico, a fração diclorometano, a fração residual do diclorometano, o extrato diclorometano, o extrato hexânico e o extrato aquoso seco também foi avaliada em trofozoítos de *giardia lamblia*.¹⁴ Nesse estudo, o extrato metanólico, diclorometano e hexânico apresentaram valores de Cl₅₀ de 0,8; 2,5 e 9,0 µg/mL, após 48 horas de incubação, respectivamente. O extrato aquoso não mostrou efeito contra os trofozoítos. A fração aquosa apresentou atividade moderada, com uma Cl₅₀ de 45,5 µg/mL. A fração diclorometano mostrou a melhor atividade contra *Giardia lamblia*, com um Cl₅₀ de 0,75 µg/mL, após 48 horas de incubação. Os ensaios de adesão e morfológicos mostram que essa fração causou diversas alterações sobre a superfície da membrana plasmática do parasita e inibiu a adesão de trofozoítos de *Giardia lamblia*.¹⁴ Rojas *et al.*³⁷ observaram que o óleo essencial (50, 100, 250 e 500 µg/mL) não foi capaz de inibir o crescimento de epimastigotes de *Trypanosoma cruzi*.³⁷

4.3.2.1.5 Atividade antitumoral

Um estudo relatou que o extrato aquoso seco e seus compostos isolados (eriodictiol-7-O-rutinosídeo e luteolina-7-O-β-rutinosídeo) apresentaram efeitos tóxicos contra a linhagem de células resistentes de câncer de mama. Além disso, os compostos testados demonstraram ser mais tóxicos para células do tipo selvagem,

sugerindo que esses compostos apresentam propriedades mais benéficas quando eles são aplicados sob a forma de extrato.⁸⁵

4.3.2.1.6 Efeito antiespasmódico

O efeito antiespasmódico do óleo essencial em traqueias isoladas de ratos foi relatado. O óleo essencial inibiu as contrações induzidas por carbacol, que foi revertida pela indometacina, N-metyl-nitro-arginina e por hexametônio, mas não por tetraetilamonio. Estes dados sugerem a participação de prostaglandina E2, óxido nítrico e gânglios autonômicos no relaxamento causado pelo óleo essencial da *Mentha x piperita* e poderia ser correlacionado com a sua utilização popular em doenças respiratórias.⁸⁶

4.3.2.1.7 Atividade antialérgica

A atividade antialérgica para os compostos eriocitrina, narirutina, hesperidina, luteolina-7-O-rutinosideo, isoroifolina, diosmin, ácido rosmarinico e 5,7-dihidroxicromona-7-O-rutinosideo (0,5 µg/mL), isolados das folhas secas da *Mentha x piperia*, foi verificada usando mastócitos isolados da cavidade abdominal de ratos.⁸⁷ Os dados desse artigo demonstraram que apenas o composto luteolina-7-O-rutinosideo inibiu a liberação de histamina induzido pelo composto 48/80 em mastócito peritoneal de ratos na concentração de 30 µM.⁸⁷

4.3.2.1.8 Atividade anti-inflamatória

A atividade anti-inflamatória foi avaliada para o óleo essencial (0,02% e 0,013%) em condrócitos isolados da cartilagem de joelhos humanos.⁸⁸ Esses condrócitos foram usados para avaliar a produção de óxido nítrico induzido por interleucina 1 durante 18 horas, seguido pela incubação com o óleo essencial. Foi evidenciada modesta inibição da produção de óxido nítrico (32% de inibição) pelo óleo essencial.⁸⁸ Muñoz-Velázquez *et al.*⁸⁹ também relataram que o chá (1 mL do infuso) obtido no mercado local de Queretáro, México, foi capaz de inibir a enzima ciclooxigenase 2, sendo esta avaliação realizada por meio de um kit da Cayman Chemical Company, Ann Arbor, MI, USA.⁸⁹

4.3.2.1.9 Atividade anticolinesterásica

Foi encontrado um artigo relatando que o extrato etanólico obtido das folhas secas da *Mentha x piperita* causou inibição da enzima colinesterase.¹⁵ Nesse estudo, foi observado que o extrato etanólico da *Mentha x piperita* inibiu acima de 75% a atividade da enzima.¹⁵

4.3.2.1.10 Atividade antidiabética

Um artigo relatou o efeito antidiabético in vitro usando o chá (6 mL) da *Mentha x piperita* obtido do mercado local de Izmir, Turquia, no modelo de movimento de

glicose in vitro.⁹⁰ O movimento de glicose em solução externa e a concentração de glicose dentro de tubos de diálise foram analisados pelo método enzimático usando o kit de glicose-oxidase.⁹⁰

4.3.2.1.1 Atividade imunomodulatória

Outros estudos observaram boa atividade anti-hemolítica em eritrócitos de ratos para o extrato etanólico⁷⁶ e atividade antiapoptótica em astrócitos CCF-STTG1 humanos.⁹¹ Um estudo demonstrou possível atividade serotoninérgica para o óleo essencial em cultura de células de neuroblastoma de camundongos (N1E-115) que expressam receptor 5HT3, sugerindo que a atividade antiemética da *Mentha x piperita* pode ser em partes devido à inibição do receptor 5HT3 de serotonina.⁹²

4.3.2.2 Ensaios in vivo

4.3.2.2.1 Atividade endócrina

O chá das folhas de *Mentha x piperita* (5 g de folha seca em 250 mL de água fervente por 5 a 10 minutos) administrado por 30 dias (diariamente em forma de bebida) em ratos causou aumento nos níveis do hormônio luteinizante e hormônio folículo-estimulante. Além disso, foi observada diminuição dos níveis de testosterona total. A biópsia testicular mostrou diferença entre os grupos experimentais e o grupo-controle. O diâmetro tubular seminífero dos grupos tratados com o chá da *Mentha x piperita* foi relativamente maior do que no grupo-controle (tratado com água), mas a diferença não foi estatisticamente significativa. Os únicos efeitos do chá da *Mentha x piperita* no tecido testicular foi a parada da maturação segmentar nos túbulos seminíferos.⁹³

4.3.2.2.2 Atividade antiulcerogênica e secretória

Dados da literatura demonstraram que a administração de dose única do extrato aquoso seco (250 mg/kg e 500 mg/kg por via oral) da *Mentha x piperita*, em ratos de ambos os sexos, reduziu o volume e a acidez gástrica basal. Além disso, apresentou redução das úlceras induzidas por indometacina, etanol, NaOH e salina hipertônica. O extrato aquoso seco também foi capaz de restaurar o conteúdo de grupos sulfidril (-SH) NP que foram depletados pelas lesões. A análise histológica comprovou esse efeito gastroprotetor.⁹⁴

4.3.2.2.3 Atividade metabólica

Estudos avaliaram o efeito do chá e do suco (0,29 g/kg administrados duas vezes ao dia por 30 dias) obtido da folha da *Mentha x piperita* em ratos que recebiam alimentação comercial ou alimentação suplementada com óleo de soja e gordura saturada. Os resultados demonstraram que os animais tratados com o chá ou suco e que recebiam alimentação comercial ou alimentação suplementada com

óleo de soja e gordura saturada tiveram diminuição de triglicerídeos, aumento nos níveis de HDL e diminuição de LDL. Também houve redução na ingestão de alimentos e ganho de peso.⁹⁵ No estudo de Akdogan *et al.*,⁹⁶ eles observaram que o chá (20 g/L) obtido das folhas secas e administrado para ratos em forma de bebida por 30 dias consecutivos resultou em diminuição nos níveis séricos de ferro e ferritina e causou aumento da capacidade de ligação de ferro insaturado, quando comparado com os animais que receberam apenas água.⁹⁶ Outro estudo relatou que os filhotes de ratas diabéticas (diabete induzida por estreptozotocina) e tratados por via oral com o suco da *Mentha x piperita* (0,29 g/kg por 30 dias consecutivos) apresentaram níveis significativamente reduzidos de glicose, colesterol, LDL e triglicérides e aumento significativo dos níveis de HDL.⁹⁷ Dados da literatura demonstraram, também, que o extrato aquoso 100 mg/kg e 250 mg/kg obtido das folhas e administrado por via oral (uma vez ao dia por três semanas) apresentou efeitos benéficos significativos contra a hiperlipidemia induzida por frutose e boa atividade antioxidante.⁹⁸ O extrato aquoso reduziu significativamente os níveis elevados de glicose, colesterol, triglicerídeos, lipoproteínas de baixa densidade, índice aterogênico; e também aumentou os níveis de lipoproteína de alta densidade e de HDL sem afetar os níveis de insulina no soro de ratos alimentados com frutose.⁹⁸

4.3.2.2.4 Atividade antioxidante

Dois estudos realizados por Samarth *et al.*^{78,79} relataram a atividade antioxidante do extrato aquoso da *Mentha x piperita*. Nesse estudo foi demonstrado que, quando ratos foram tratados com o extrato aquoso seco da *Mentha x piperita* (1 g/kg, via oral uma vez ao dia por 7 dias), houve aumentos significativos no conteúdo de glutathiona (GSH) e redução significativa nos níveis de peroxidação lipídica (LPO).^{78,79} O chá das folhas de *Mentha x piperita* (5 g de folha seca em 250 mL de água fervente por 5 a 10 minutos), ofertado diariamente como bebida aos ratos por 30 dias, não alterou os níveis de ureia e creatinina plasmática nem alterou os níveis de superóxido desmutase (SOD), catalase (CAT) e glutathiona peroxidase (GSHPx) no rim, porém promoveu pequenas alterações histológicas como degeneração de células epiteliais, dilatação tubular e pequeno aumento de tamanho das cápsulas de Bowman foi evidenciado.⁹⁹

4.3.2.2.5 Atividade antidiarreica

Estudos têm demonstrado que o extrato hidroalcolico 70% e a tintura 20% (200, 300 e 400 mg/kg), administrados por via oral em dose única para ratos, prolongaram o tempo até o aparecimento da primeira evacuação líquida e diminuiu a frequência de evacuação. A dose de 200 mg/kg apenas reduziu a quantidade de fezes aquosas. A dose eficaz mediana (DE₅₀) foi 346,41 mg/kg,

efeito que foi semelhante a papaverina 80 mg/kg.¹⁰⁰ Outro estudo utilizando o extrato hidroalcoólico 70% (administrado por via oral) e a tintura 400, 600 e 800 mg/kg (administrado intramuscular) em camundongos demonstrou que somente a tintura nas três doses foi capaz de reduzir significativamente o trânsito intestinal. A DE₅₀ foi de 489,9 mg/kg.¹⁰¹ Em uma revisão, os autores descrevem que o principal efeito farmacodinâmico do óleo da *Mentha x piperita* relevante para o trato gastrointestinal é um efeito antiespasmódico, relacionado à dose sobre a musculatura lisa, devido à interferência do mentol com o movimento do cálcio por meio da membrana celular. O efeito colerético de óleo de hortelã-pimenta pode desempenhar um papel adicional no uso medicinal. O óleo de hortelã-pimenta é rapidamente absorvido após a administração oral, eliminado principalmente por via biliar, e o maior metabólito biliar é o mentol que sofre circulação entero-hepática.^{102,103}

4.3.2.2.6 Atividade radioprotetora

O extrato aquoso seco (1 g/kg) administrado por via oral (uma vez ao dia por três dias consecutivos) em camundongos promoveu efeito radioprotetor contra exposição à 8,0 Gy de radiação γ (gama). Nesse estudo foi evidenciado que a radiação reduziu o peso dos testículos de camundongos durante todos os dias da observação. Além disso, o tratamento com radiação induziu atrofia testicular moderada a grave com degeneração das células germinativas no túbulo seminífero. Os túbulos seminíferos mostraram-se encolhidos e apresentaram perda de células germinativas. Células de Sertoli com poucas células germinais foram observados no lúmen. O tratamento com o extrato aquoso seco mostrou aumento significativo no peso do testículo, apresentou morfologia com arranjo regular de células germinativas e leve degeneração do epitélio seminífero. Significativa diminuição na peroxidação lipídica e da fosfatase ácida e aumento no nível de fosfatase alcalina foram observados no testículo.¹⁰⁴ Outro estudo também relatou uma atividade neuroradioprotetora para o extrato aquoso. Nesse estudo os camundongos pré-tratados com o extrato aquoso (1 g/kg, via oral por sete dias consecutivos antes da radiação) e irradiados com 6 Gy de radiação γ apresentaram melhora em todos os parâmetros avaliados [homeostase, teor de apoptose no cérebro e estabilização do ciclo de ácido desoxirribonucleico (DNA) com nítida melhora na análise do ciclo celular e no sistema de defesa antioxidante]. Foi observado redução da expressão do P53 e aumento da regulação do Bcl2 protegendo a estrutura cerebral de grandes danos, sugerindo que o extrato aquoso parece ter um papel importante para melhorar a lesão neuronal induzida pela radiação gama.¹⁰⁵ Dados da literatura também demonstraram que o extrato aquoso seco (1 g/kg) obtido da folha de *Mentha x piperita*, administrado por via oral uma vez

ao dia, por três dias consecutivos, para camundongos, resultou em proteção dos animais contra a exposição de 8 Gy de radiação γ .¹⁰⁶ A exposição à radiação γ resultou em diminuição significativa no número de células da medula óssea, como leucoblastos, mielócitos, metamielócitos, polimorfos, pronormoblastos, normoblastos, linfócitos e megacariócitos. O pré-tratamento com o extrato seguido de exposição à radiação resultou em aumentos significativos no número de leucoblastos, mielócitos, metamielócitos, polimorfos, pronormoblastos, normoblastos, linfócitos e megacariócitos na medula óssea em comparação com o grupo-controle que recebeu água. Foi observada, também, redução significativa na frequência de micronúcleos na medula óssea desses camundongos. Observou-se aumento significativo no nível de eritropoietina.¹⁰⁶ Esses efeitos radioprotetores mencionados têm sido citados e relatados em diferentes artigos de revisão.¹⁰⁷⁻¹¹¹

4.3.2.2.7 Atividade protetora contra intoxicação por metais

O efeito do extrato aquoso seco, obtido das folhas frescas da *Mentha x piperita* (1 g/kg), administrados por 10 ou 40 dias consecutivos, foi avaliado em camundongos intoxicados com arsênio. Nesse estudo foi observado que o arsênico causou aumento significativo na fosfatase ácida e alcalina, na glutamato oxaloacetato transaminase no fígado e soro. Foi observado, também, aumento de LPO, GSH e lactato desidrogenase no fígado desses animais. No entanto, o pré e pós-tratamento com o extrato aquoso, em animais que receberam arsênio, reduziu significativamente esses parâmetros bioquímicos no fígado. De fato, foi observado, nesse estudo, declínio significativo na fosfatase ácida e alcalina, diminuição da TGO, TGP e LPO, bem como do conteúdo de GSH e da atividade de lactato desidrogenase no fígado. Além disso, foi observada redução no peso do fígado.¹¹²

4.3.2.2.8 Atividade antimicrobiana

A atividade antifúngica foi avaliada para o óleo essencial 1% em comparação com o antifúngico padrão bifonazol 1% em vaselina. Os fungos *Trychophyton mentagrophytes*, *Trichophyton rubrum* ou *Trychophyton tonsurans* foram inoculados nas costas dos animais imediatamente após a depilação e deixado durante três dias. O estabelecimento da infecção foi confirmado no quarto dia por isolamento dos agentes patogênicos. As infecções foram também confirmadas por exame visual dos animais do oitavo ao décimo dia. Nos animais em que foram confirmadas as infecções o tratamento foi iniciado no 14º dia após a infecção e continuou até a cura completa. Nesse estudo, os tratamentos foram aplicados uma vez ao dia, e as áreas infectadas foram avaliadas visualmente para inflamação e quanto à presença de patógenos em cultura de pele obtida do local infectado. Os animais tratados com bifonazol foram curados após 14 dias de tratamento; e os animais

tratados com o óleo essencial foram curados em 29 dias. Em 30 dias de tratamento todos os animais foram curados completamente.⁵⁹ Em outro estudo, a atividade antimicrobiana do óleo essencial obtido da Carl Roth também foi observada para os patógeno *Prototheca zopfii* inoculados na região dorsal por três dias consecutivos. Nesse estudo, camundongos BALB/c fêmeas livre de patógenos e com dez semanas de idade foram usados. Camundongos foram imunossuprimidos pela injeção intraperitoneal de dexametasona durante três dias consecutivos antes da administração do patógeno *Prototheca zopfii*. As lesões de pele em camundongos com prototecose e não tratadas foram mais severas em comparação com os grupos de animais tratados com o óleo essencial 2%. O óleo essencial da *Mentha x piperita* foi eficaz no tratamento da prototecose cutânea, reduzindo os sinais clínicos e diminuindo significativamente o grau de inflamação (para o número de macrófagos, linfócitos T e de neutrófilos) e fibrose em comparação com animais não tratados.¹¹³

4.3.2.2.9 Atividade anticarcinogênica e antimutagênica

Nesse estudo, camundongos recém-nascidos (<24 horas de idade) receberam uma única injeção subcutânea na região escapular com 0,02 mL de benzo(a)pireno (0,5 mg/camundongo). Após o desmame, o extrato aquoso seco obtido das folhas frescas da *Mentha x piperita* ou água foi administrado por via oral (1 g/kg, uma vez ao dia por seis semanas. O extrato aquoso administrado em camundongos mostrou reduzir significativamente a incidência de tumores pulmonares em 67,92%. A taxa de inibição foi de 61,26%. A multiplicidade de tumores também foi reduzida. O tratamento reduziu a frequência de aberrações cromossômicas por benzo(a)pireno e de micronúcleos em células da medula óssea. Além disso, o extrato aquoso diminuiu os níveis de lipoperóxidos e aumentou grupos sulfidrilas no fígado e no pulmão. O extrato ainda apresentou grande atividade antioxidante.¹¹⁴ Outro estudo usando camundongos com tumor ascítico e tratados com o extrato aquoso da *Mentha x piperita* (3,5 mg/kg, via oral) administrado por nove dias, mostrou redução no peso corporal, volume tumoral, volume globular e aumento percentual de sobrevivência; aumentou glóbulos vermelhos e hematócrito, reduziu a contagem de leucócitos e os parâmetros antioxidantes foram normalizados.¹¹⁵

4.3.2.2.10 Atividade antialérgica

A atividade antialérgica foi evidenciada para o composto luteolina-7-O-rutinosideo isolado das folhas secas da *Mentha x piperita*. Nesse estudo, ratos previamente sensibilizados com uma injeção de ovalbumina e ressensibilizados com a mesma substância foram pré-tratados com o composto. Os resultados

demonstraram que o composto causou redução dos sintomas nasais, como espirros e os movimentos de coçar a narina, induzido pelo antígeno sugerindo que esse composto pode ser usado na clínica para tratar os sintomas de rinite alérgica.⁸⁷

4.3.2.2.11 Atividade anticonvulsivante

O óleo essencial 1,6 mL/kg (intraperitoneal) apresentou atividade anticonvulsivante quando avaliado no teste de convulsão induzido por pentilenotetrazol em camundongos. Nesse estudo foi observado que camundongos tratados com o óleo essencial não apresentaram convulsão e apresentaram 100% de sobrevivência.

4.3.2.2.12 Atividade antinociceptiva

O extrato aquoso seco (200 e 400 mg/kg, via intraperitoneal, dose única) de *Mentha x piperita* mostrou efeito analgésico em camundongos no teste de contorção abdominal induzida por ácido acético e na nocicepção térmica (placa quente) com valores de inibição de 51,79% e 20,21%, respectivamente. Por outro lado, o extrato aquoso não apresentou atividade anti-inflamatória contra o edema de pata induzido pela carragenina.¹¹⁶ Além disso, outro estudo tem relatado que o extrato etanólico (200 mg/kg e 400 mg/g, via oral, dose única) apresentou efeito antinociceptivo em camundongos nas duas doses testadas no teste de contorções abdominais, e apenas na dose de 400 mg/kg apresentou efeito antinociceptivo no teste de placa quente. O extrato também reduziu o edema de orelha agudo induzido por xilol em camundongos nas duas doses testadas.¹¹⁷ No teste de granuloma que gera um processo inflamatório crônico induzidos por bolinhas de algodão implantadas subcutaneamente na região da virilha de ratos, apenas a dose de 400 mg/kg (por via oral uma vez por dia, durante seis dias) foi eficaz em reduzir o processo inflamatório crônico.¹¹⁷

4.3.2.3 Ensaios ex vivo

Dado não encontrado na literatura pesquisada.

■ 4.4 ESTUDOS CLÍNICOS

4.4.1 Fase I

O efeito do óleo essencial no desempenho físico de estudantes foi avaliado. No entanto, nesse estudo não foi mencionada a espécie de *Mentha* e nem a parte da planta utilizada para obtenção do óleo essencial. Esse estudo foi realizado em 12

estudantes saudáveis do sexo masculino (pesando em média 69 kg, idade média de 25 anos e altura média de 177 centímetros) e selecionados aleatoriamente. Os estudantes ingeriram diariamente uma garrafa de 500 mL de água mineral, contendo 0,05 mL de óleo essencial, por dez dias. Os participantes foram submetidos a exercício físico em esteira padrão (protocolo de Bruce), controlado por um programa de computador. Pressão arterial, frequência cardíaca e parâmetros de espirometria, incluindo capacidade vital forçada, pico de fluxo expiratório e pico de fluxo inspiratório, foram determinados um dia antes do início do experimento e dez dias após o experimento. Os dados obtidos nesses estudos revelaram que o fluxo expiratório ($8,50 \pm 0,94$ vs. $8,87 \pm 0,92$; $p < 0,01$) e inspiratório ($5,71 \pm 1,16$ vs. $6,58 \pm 1,08$; $p < 0,005$), força de capacidade vital ($4,57 \pm 0,90$ vs. $4,79 \pm 0,84$; $p < 0,001$) mudou significativamente após dez dias de ingestão do óleo essencial. O desempenho do exercício avaliado por tempo de exaustão ($664,5 \pm 114,2$ vs. $830,2 \pm 129,8$ s), trabalho ($78,34 \pm 32,84$ vs. $118,7 \pm 47,38$ KJ), e de energia ($114,3 \pm 24,24$ vs. $139,4 \pm 27,80$ KW) também aumentou significativamente. Além disso, os resultados da análise de gás respiratório demonstraram diferenças significativas no volume do oxigênio consumido ($2,74 \pm 0,40$ vs. $3,03 \pm 0,351$ L/ min; $p < 0,001$) e no volume do gás carbônico produzido ($3,08 \pm 0,47$ vs. $3,73 \pm 0,518$ L/ min; $p < 0,001$). Os resultados suportam a eficácia de óleo essencial durante o exercício físico.¹¹⁸ A literatura também descreve o efeito do óleo essencial da *Mentha*, obtido da Aldrich Chemical Company, sobre o aprendizado e a memória. No entanto, nesse estudo, os autores não descrevem qual espécie de *Mentha* foi utilizada para obter o óleo essencial. Um dispositivo de memória eletrônica (SimonB de Milton Bradley) foi usado para medir memória. O óleo essencial foi utilizado para aromatizar a sala durante o experimento e este permaneceu escondido da vista dos participantes. Os participantes completaram o experimento em duas ocasiões distintas, em ambiente aromatizado com o óleo e em ambiente não aromatizado. As tarefas foram apresentadas de forma aleatória. Nesse estudo participaram 5 homens e 21 mulheres. Os dados obtidos revelaram que os participantes completaram a tarefa por duas vezes quando estavam na sala aromatizada com o óleo essencial e uma vez quando estavam na sala sem a aromatização do óleo essencial. As análises indicaram diferenças significativas na velocidade e precisão na execução da tarefa na presença do aroma do óleo essencial. A alfabetização, mas não a memorização, também melhorou significativamente em ambiente aromatizado. Esses resultados sugerem que o aroma de menta pode melhorar a atenção geral dos indivíduos fazendo com que os participantes mantenham o foco em suas tarefas, aumentando assim seu desempenho.¹¹⁹ Semelhantemente, Moss *et al.*,¹²⁰ usando o óleo essencial comercial da *Mentha* (não foi descrito qual a espécie da *Mentha*), também verificaram que ambientes aromatizados com o

óleo essencial melhora a memória e aumenta o estado de alerta dos indivíduos. Nesse estudo foram utilizados 144 indivíduos escolhidos de forma aleatória; e a velocidade e qualidade de memória, atenção e precisão, memória de trabalho, memória secundária, estado de alerta e humor foram avaliados.¹²⁰

Em outro estudo, foi observado que 33% dos indivíduos (13 mulheres e 8 homens) foram capazes de identificar o odor do extrato líquido da *Mentha* (não descreve a espécie da *Mentha*) quando este foi odorizado na cavidade oral. Esse estudo sugere que odores como o da *Mentha* pode iniciar respostas suficientemente diferenciais na cavidade bucal, ativando neurônios trigeminais, o que permite a sua identificação.¹²¹ Stephenson e Halpern¹²² verificaram efeito semelhante usando o extrato de *Mentha* produzido pela Frontier Produtos Naturais (Noruega, IA). Nesse estudo, os autores também não descrevem qual foi a espécie da *Mentha* utilizada.¹²² Outros autores avaliaram uma solução de óleo essencial contendo *Melaleuca alternifolia*, *Mentha x piperita* e *Citrus limon*, numa proporção de 02:01:02 contra mau hálito e a presença de compostos sulfúricos voláteis na boca de pacientes em unidade de terapia intensiva (UTI). Trinta e dois pacientes com idade entre 16-89 anos, com duração de internação entre 4-112 dias, receberam três minutos de limpeza oral utilizando uma solução desse óleo essencial no primeiro dia e Tantum (cloridrato de benzidamina) no segundo dia. O nível de mau hálito com uma escala visual analógica de 10 centímetros foi avaliado. A escala variou de zero, o que representou ausência de mau hálito, a dez, o que representou nível extremo de mau hálito. A escala foi aplicada cinco minutos antes e uma hora após o tratamento. Os níveis de compostos sulfúricos voláteis foram medidos por um monitor industrial portátil. As medidas foram registradas todas as manhãs entre 8h-10h, pouco antes dos bochechos. Os pacientes foram solicitados a evitar o uso de qualquer solução bucal no dia do experimento. Todos os pacientes receberam o tratamento por três min. O nível de mau hálito oral foi significativamente diferente após a sessão com o óleo essencial das três plantas e diferiram significativamente entre duas sessões (5 min após o tratamento e 60 min após o tratamento). Esse efeito não foi observado com o tantun. Os testes revelaram diminuição nos níveis de compostos sulfúricos voláteis tanto para tantum quanto para o óleo essencial 60 min após o tratamento. Esses resultados sugerem que a mistura de óleo essencial de *Melaleuca alternifolia*, *Mentha x piperita* e *Citrus limon* pode ser um método eficaz para reduzir o mau hálito e compostos sulfúricos voláteis em pacientes de unidade de terapia intensiva.¹²³

Alterações bioquímicas e antropométricas em estudantes que ingeriram o extrato obtido das folhas da *Mentha x piperita* em forma de suco também foram avaliadas. Nesse estudo, antes e após a ingestão do extrato, foram colhidas amostras de sangue para determinação do perfil glicêmico e lipídico, além de análise de índice de massa corpórea dos estudantes. As medidas antropométricas foram avaliadas antes de iniciar o consumo do extrato. Os níveis de glicemia, colesterol total, HDL, triacilglicéridos, TGO, TGP e ureia também foram medidos antes e após o consumo do extrato por um período de 30 dias. A população foi constituída por 25 alunos saudáveis com idade entre 18 e 45 anos, escolhidos aleatoriamente para participar do projeto. Os resultados obtidos nesse estudo demonstram que 41,5% das pessoas apresentaram redução da glicemia, 66,9% nos níveis de colesterol, 58,5% nas taxas de triacilglicerídeos, 52,3% nos índices de LDL, 70% nos níveis de TGO, 74,5% nos níveis de transaminase glutâmica pirúvica (TGP) e 52% apresentaram aumento nos índices de HDL. Em 52,5% dos estudantes houve diminuição da pressão arterial e redução do índice de massa corpórea em 48,7%. Esse estudo sugere que a utilização da *Mentha x piperita* para humanos pode ser considerada benéfica na prevenção e no tratamento de fatores de risco de doenças crônico-degenerativas.¹²⁴

Outro estudo avaliou o efeito no desempenho físico de 36 mulheres esportistas (durante o exercício) após o uso da essência obtida das folhas frescas de *Mentha x piperita*. Nesse estudo foi avaliado o tempo de corrida, a frequência cardíaca máxima, o consumo máximo de oxigênio, a ventilação e a razão de troca respiratória durante o exercício intenso agudo ou não. Os resultados demonstraram que a inalação da essência de *Mentha x piperita* durante o exercício intenso agudo não tem efeito significativo nos índices pulmonares e no desempenho físico.¹²⁵

A essência da *Mentha x piperita* também foi avaliada contra a sonolência diurna. Vinte participantes, alunos de graduação da Universidade de Coventry, foram recrutados para o estudo. Uma concentração fixa de óleo de *Mentha x piperita*, não diluído, foi aplicada em forma de aroma na almofada pouco antes de cada participante entrar na sala. Os participantes foram testados separadamente entre 13h e 16h. Uma almofada aromatizada (com ou sem o óleo de hortelã-pimenta) foi posta no quarto e fixo numa posição. Depois de uma breve adaptação à escuridão e ao ambiente experimental, 11 minutos de gravação foi iniciada. Foi observado o pupilometro ao longo da gravação para se certificar de que o participante não fechasse seus olhos, ou certificar-se que tinha adormecido ou se ele tinha saído do foco da câmera. Os resultados demonstraram que quando comparado com uma condição de ausência da essência, a presença do aroma da *Mentha x piperita*

reduziu a sonolência durante os 11 minutos gastos na sala escura. Os autores sugerem que, em condições que favoreçam aumento da sonolência diurna, a essência de *Mentha x piperita* pode realmente reduzi-la.¹²⁶

4.4.2 Fase II

Vários estudos de fase II para a *Mentha x piperita* foram realizados usando tanto preparações de *Mentha x piperita* em associação com outras plantas como apenas preparações da espécie. Um estudo usando um extrato comercial com o nome de lomatol foi realizado para verificar seu efeito em indivíduos que apresentavam algum sintoma como dor estomacal, náuseas, azia, ânsia de vômito, gastroespaços, apetite, arrotos e sensação de pressão no estômago. O lomatol é um extrato comercial obtido das folhas de plantas e que em cada 100 mL contém *Mentha x piperita* (9,26 g), erva-doce (8,13 g), cominho (3,78 g) e absinto (1,92 g). Participaram desse estudo 60 pacientes, com idade entre 18 e 85 anos, que foram distribuídos aleatoriamente. Os pacientes apresentavam pelo menos um dos seguintes sintomas: pressão e dor no estômago, náusea, azia ou perda de apetite. Não foi utilizado nenhum critério de exclusão. Parâmetros de dor, náuseas, azia, ânsia de vômito e gastroespaços foram documentados no início do estudo, após três e sete dias, e no final do estudo. Perda de sintomas de apetite, arrotos e sensação de pressão também foram anotadas. A intensidade dos sintomas foi avaliada por meio de uma escala de 5 pontos: 1= nenhuma, 2= leve, 3= moderada, 4= grave e 5= muito grave. No início e no final do ensaio clínico, a atividade da TGP, TGO, lipase e do nível de prolactina (opcional) no soro foram determinados como parâmetros de segurança. Os pacientes do grupo lomatol e os pacientes do grupo metoclopramida (4 mg = 25 gotas 3 vezes ao dia) receberam um frasco com 50 mL do preparado. Eles usaram 25 gotas do lomatol ou metoclopramida em água morna 20 minutos antes das refeições, três vezes ao dia. Os resultados demonstraram que, durante as duas semanas de tratamento e de observação, o lomatol apresentou resultados melhores do que a metoclopramida. Lomatol apresentou menos efeitos adversos que metoclopramida e foi mais bem tolerado.¹²⁷ Em um artigo de revisão é descrito o efeito da associação do óleo de hortelã-pimenta (não descreve a espécie) com cominho para o tratamento de pacientes com dispepsia. Nesse estudo os pacientes apresentaram melhora da dor e estado geral quando comparado com o placebo.¹²⁸

Outro estudo usando um spray, que contém uma mistura de óleo essencial de diferentes plantas (20% *Mentha x piperita*, 10% de *Eucalyptus citriodora*, 20% de *Eucalyptus globulus*, 20% de *Rosmarinus officinalis* e 30% *Origanum syriacum* em 97% de solvente de Polissorbato 80), foi também realizado para verificar seu

efeito sobre dor de garganta, rouquidão e tosse em indivíduos que apresentavam diagnóstico clínico de faringoamigdalite, laringite ou traqueíte viral. O uso do spray foi feito em duplo-cego. Os participantes foram avaliados por uma escala (de 0 a 4) de gravidade para seis sintomas (0: ausência de sintomas, 1: leve, 2: moderado e 3: grave). Os sintomas avaliados pelos pacientes incluíram: fadiga, dor de garganta, tosse, rouquidão ou perda de voz, dor ao falar e dificuldade em respirar. Após a avaliação inicial, os participantes foram randomizados para usar um spray de ervas ou placebo. Os sprays foram embalados em frascos idênticos contendo o spray das ervas ou o placebo e foram dispostos aleatoriamente. Pesquisadores e os participantes foram cegados até a obtenção dos dados. Os participantes foram convidados a usar o spray com o indicador apontado para a sua garganta, aplicando quatro pulverizações de cada vez a cada cinco minutos. Após 20 minutos, os participantes foram avaliados por três sintomas principais (dor de garganta, rouquidão e tosse) e apreciação geral do spray como gosto, cheiro e outras sensações. Após esta avaliação, os participantes foram orientados a aplicar o spray em casa por três dias consecutivos, numa dosagem de quatro pulverizações de cada vez, cinco vezes por dia. Participaram 60 pacientes, permanecendo apenas 13 do sexo masculino e 13 do sexo feminino no grupo tratado com o spray; e 19 do sexo feminino e 13 do sexo masculino no grupo placebo. A análise mostrou que, 20 minutos após o uso do spray contendo o óleo essencial das plantas, os participantes do grupo de estudo relataram melhora maior nos sintomas graves em comparação com os participantes do grupo placebo. Não houve diferença na severidade dos sintomas entre os dois grupos após três dias de tratamento. Em conclusão, a aplicação por pulverização de cinco plantas aromáticas relatada nesse estudo traz melhora significativa e imediata dos sintomas da doença do trato respiratório superior. Esse efeito não foi significativo após três dias de tratamento.¹²⁹ O uso tópico do gel de *Mentha* 0,2% (não foi especificado a espécie) foi avaliado em mulheres primíparas durante o puerpério. O objetivo desse estudo era verificar se o gel de *Mentha* poderia prevenir o aparecimento de rachaduras e dor nos mamilos. Esse estudo foi conduzido de forma duplo-cego, randomizado e realizado em uma população de puérperas. Duzentos e dezesseis participantes primíparas foram divididas aleatoriamente em três grupos. Cada grupo recebeu aplicação de apenas um dos três compostos (gel de *Mentha*, lanolina ou pomada neutra) em ambos os seios por 14 dias. Cada grupo consistiu de 72 primíparas e foi observado por um período máximo de quatro visitas de acompanhamento durante 14 dias, com uma visita final na sexta semana. A presença de rachadura no mamilo e dor foi avaliada. Os resultados encontrados mostraram que as rachaduras nos mamilos foram menos frequentes em mães que receberam gel de *Mentha* do que naqueles que receberam pomada de lanolina ou placebo.¹³⁰

Um estudo relata o uso do spray hidrolat, um produto comercial que contém óleo essencial de *Mentha x piperita* a 0,03%. Nesse estudo foi avaliado o efeito do spray em 44 mulheres que apresentavam sintomas de onda de calor (fogachos) resultante do tratamento de câncer de mama. Os critérios de inclusão foram: qualquer mulher que sofria de onda de calor como resultado do tratamento para o câncer de mama, incluindo aquelas que já recebiam tratamentos de acupuntura ou de drogas que não foram eficazes para reduzir esses sintomas. Os critérios de exclusão foram: qualquer mulher que sofresse de reações adversas ao cosmético, perfumes ou mentol. Os pacientes foram randomizados por telefone usando um serviço de randomização independente do Clinical Trials Unit, Instituto de Cancer Research, Sutton. O processo de randomização incorpora um programa gerado por computador. Essas pacientes fizeram uso do spray por três meses e foi sugerido a elas pulverizar o spray na face, nos braços, nas mãos, no pescoço e na parte superior do tórax tantas vezes necessário. Um grupo de mulheres foi orientado a usar no primeiro mês o spray de hidrolat e o outro grupo a usar o spray de água destilada. No segundo mês o grupo que usou o spray hidrolat passou a usar o spray água destilada e vice-versa. Na última etapa elas podiam escolher qual spray usar. Os resultados demonstraram que apenas 18 dos 44 pacientes (41%) preferiram o spray hidrolat a um spray de água simples, que foi menor do que os 80%. No entanto, um pequeno número de mulheres achou extremamente útil.^{131,132} Outro estudo avaliou a formulação comercial em gotas do extrato das folhas da *Mentha x piperita* sobre os sintomas de cólica em crianças. O tempo em que a criança passou chorando, o número de regurgitação de leite, os vômitos, a diarreia, a constipação e a sonolência foram avaliados. Nesse estudo, cada criança foi submetida ao experimento por 14 dias. As crianças com cólicas foram primeiramente randomizados em dois grupos para receberem a formulação de folhas da *Mentha x piperita* (gotas de líquido; 1 gota por kg de peso corporal) ou simeticona (líquido, 2,5 mg por kg de peso corporal) por dia por um período de sete dias. Após os primeiros sete dias do estudo e um período sem tratamento de três dias, todas as crianças tinham sua medicação alternada e foram acompanhados por mais sete dias. Repetidas visitas foram programadas para o 7º e 17º dias após a primeira visita. Durante o período sem tratamento, as mães foram orientadas a usar paracetamol para o tratamento de cólicas. Os resultados demonstraram que, no início do estudo, os episódios diários de cólica infantil foram de $3,9 \pm 1,1$; e a média de tempo em que a criança passou chorando por dia foi de $192 \pm 51,6$ minutos. No final do estudo episódios diários de cólica caíram para $1,6 \pm 0,6$; e a duração do choro diminuiu para 111 ± 28 minutos. Todas as mães relataram diminuição da frequência e duração dos episódios de cólica infantil e não houve diferenças entre as respostas da solução do extrato de *Mentha x piperita* e simeticona.¹³³

O efeito do óleo essencial das folhas da *Mentha x piperita* foi estudado nos sintomas de náusea pós-operatória após cesariana e comparado com placebo ou antieméticos padrão como ondansetrona ou prometazina. O óleo essencial e o placebo foram administrados em forma de aromaterapia, e os antieméticos padrão foram administrados por via endovenosa (ondansetrona) ou supositório (prometazina). O total de pacientes que permaneceram até o final do estudo foi: aromaterapia com óleo (22 pacientes), antieméticos padrão (5 pacientes) ou placebo (8 pacientes). Os participantes do grupo aromaterapia com o óleo essencial ou com antiemético padrão apresentaram níveis semelhantes de náuseas no início do estudo. No entanto, os níveis de náusea dos participantes no grupo do óleo da *Mentha x piperita* foram significativamente menores do que os dos participantes dos outros dois grupos (ondansetrona e prometazina) dois e cinco minutos após início do tratamento.¹³⁴ Outro estudo também demonstrou que o óleo essencial apresenta ação antiemética. Nesse estudo, durante cada ciclo de quimioterapia, os pacientes receberam seu regime antiemético normal (granisetrona, dexametasona ou metoclopramida) ou cápsulas de *Mentha x piperita* (contendo duas gotas de óleo essencial puro mais açúcar) a cada quatro horas. O óleo essencial foi administrado 30 minutos antes dos pacientes receberem o seu tratamento de quimioterapia, outro quatro horas após a primeira cápsula e finalmente, quatro horas mais tarde, em casa. Os pacientes ou responsáveis receberam um questionário autoaplicável para descreverem os números de eventos eméticos e a intensidade da náusea durante o próximo período de 24 horas após a quimioterapia. Os pacientes também foram submetidos a uma avaliação física completa, em cada dia de sua hospitalização, a fim de identificar qualquer evento anormal. Participaram desse estudo 34 mulheres e 16 homens. Os resultados mostraram que houve redução significativa na intensidade e no número de eventos eméticos nas primeiras 24 horas nos pacientes tratados com o óleo essencial de *Mentha x piperita* quando comparado com os pacientes que receberam o antiemético padrão. Além disso, não foram relatados efeitos adversos após o uso do óleo essencial.¹³⁵

Em uma revisão sistemática, foi relatado o fato de que muitas mulheres grávidas norte-americanas experimentam algum grau de náuseas e vômitos, geralmente nos primeiros meses de gravidez, e fazem autotratamento com ervas medicinais e outras terapias alternativas. No mesmo estudo foi abordado sobre um estudo qualitativo do autocuidado na gravidez, no parto e na amamentação dentro de uma amostra não aleatória de 27 mulheres, em British Columbia, Canadá, em que 20 mulheres (74%) tiveram náusea induzida pela gravidez. Dez dessas mulheres utilizaram ervas antieméticas, que incluíam gengibre, hortelã (não descreve a espécie) e cannabis. No entanto, somente o gengibre foi

submetido a ensaios clínicos em mulheres grávidas, apesar de todas as três ervas, de acordo com a revisão, serem clinicamente eficazes contra náuseas e vômitos em outros contextos, tais como náuseas induzidas por quimioterapia e náuseas pós-operatórias. Embora as preocupações de segurança existam na literatura para todas as três ervas no que diz respeito ao seu uso por mulheres grávidas, faltam evidências clínicas de efeitos tóxicos.¹³⁶

Em um artigo de revisão, os autores descrevem o uso de hortelã-pimenta (não foi especificada a espécie) no tratamento de náuseas e vômitos no pós-operatório, que é um efeito colateral comum e desagradável decorrente do uso de anestésico geral durante a cirurgia. Nessa revisão, os autores descrevem que não existe atualmente nenhuma evidência confiável para apoiar o uso de aromaterapia como o uso de óleo de hortelã-pimenta para tratamento de náuseas e vômitos pós-operatórios.¹³⁷

Com relação ao uso do óleo de hortelã-pimenta na síndrome do cólon irritável, uma recente meta-análise sobre este tema concluiu que o papel de óleo de hortelã-pimenta ainda não está bem estabelecido para esse assunto. A este respeito, um estudo duplo-cego realizado em 57 pacientes com síndrome do intestino irritável e que foram tratados com o óleo de hortelã-pimenta (duas cápsulas com revestimento entérico, duas vezes por dia ou placebo) por quatro semanas melhorou os sintomas abdominais.¹³² Em uma revisão de literatura também são descritos efeitos positivos do óleo essencial da *Mentha x piperita* na síndrome do cólon irritável.¹³⁸ Em um artigo de revisão, os autores descrevem o efeito espasmolítico para o óleo da *Mentha x piperita*. Nessa revisão são descritos nove estudos, totalizando 269 indivíduos saudáveis ou pacientes que realizaram colonoscopia, com síndrome do cólon irritável ou que apresentavam dispepsia e que foram submetidos à exposição ao óleo de *Mentha x piperita* por via tópica intraluminal (estômago ou cólon) ou por via oral em doses únicas ou por duas semanas de tratamento. As doses usadas nesses estudos foram de 0,1-0,24 mL de óleo essencial de *Mentha x piperita*. Com uma exceção, que mostrou uma inexplicável potencialização da atividade estimuladora da neostigmina no cólon, todos os outros estudos indicaram um substancial efeito espasmolítico da musculatura lisa do trato gastrointestinal nesses indivíduos. Os estudos farmacocinéticos mostram que a eliminação de mentol na urina era dependente do tipo de formulação utilizado para a aplicação do óleo. O pH ótimo para a formulação de revestimento entérico começou a liberar o óleo em pequena quantidade no intestino e se estendeu por 10-12 horas.¹³⁹

4.4.3 Fase III

Dado não encontrado na literatura pesquisada.

4.4.4 Fase IV

Dado não encontrado na literatura pesquisada.

4.4.5 Estudos observacionais

Foi encontrado um estudo observacional no qual alguns pacientes soropositivos para HIV e em terapia com antirretroviral faziam uso de plantas medicinais, incluindo a *Mentha spp.* Esse estudo observacional foi realizado em um ambulatório de referência do estado do Maranhão/Brasil, no período de maio de 2009 a fevereiro de 2010. Um total de 339 pessoas responderam um questionário abordando o uso de plantas e características demográficas, socioeconômicas, comportamentais, relacionadas à soropositividade e ao uso de antirretrovirais. A prevalência de utilização de plantas foi de 34,81%. As mais utilizadas foram: *Turnera ulmifolia* (12,09%); *Melissa officinalis* (10,62%); *Plectranthus barbatus* (7,67%); *Cymbopogon citratus* (capim-limão) (4,72%) e *Mentha spp.* (hortelã) (2,36%). A maioria das pessoas (96,61%) referiu melhora após a utilização. Um percentual de 75,42% dos usuários de plantas não informou essa prática ao médico. Entre os que informaram o uso, 55,17% afirmaram que o médico estava de acordo e somente uma pessoa foi orientada a interromper o uso (3,45%). Apenas um médico (3,45%) indicou o uso de plantas. Esse estudo aponta para a necessidade de melhor diálogo entre médicos e pacientes sobre o uso de plantas com finalidade medicinal, alertando sobre possíveis perigos quando associados aos antirretrovirais.¹⁴⁰ Outro estudo foi realizado para verificar quais plantas medicinais eram mais utilizadas pela população de Bulnes no Chile. Os resultados obtidos demonstram que as plantas medicinais mais consumidas eram a hortelã (*Mentha x piperita*) camomila (*Matricaria recutita*), rute (*Ruta graveolens*), orégano (*Origanum vulgare*) e poejo (*Mentha pulegium*). O consumo dessas plantas medicinais foi descrito principalmente como complementar. O uso terapêutico das plantas medicinais na população rural de Bulnes é principalmente para o trato digestivo e não está necessariamente relacionado às doenças com maior prevalência ou mais comumente observado na população. Nesse estudo é sugerido que se deve considerar futuros estudos para determinar se as plantas medicinais são mais utilizadas para reduzir o desconforto digestivo causado pelo consumo de medicamentos.¹⁴¹

■ 4.5 RESUMO DAS AÇÕES E INDICAÇÕES POR DERIVADO DE DROGA ESTUDADO

A maioria dos estudos pré-clínicos e todos os estudos clínicos encontrados para a espécie foram conduzidos com extratos etanólicos, hidroalcoólicos, com o óleo essencial da *Mentha x piperita* ou com formulações derivadas destes extratos. As ações mais bem fundamentadas em ensaios pré-clínicos e clínicos são: antimicrobiana e espasmolítica.

4.5.1 Vias de administração

Oral, cutânea, dérmica, mucosa bucal e inalatória.^{5,17}

4.5.2 Dose diária e posologia (dose e intervalo)

Uso interno:⁵

Para distúrbios digestivos: dose diária de 0,2-0,4 mL do óleo essencial de três vezes ao dia em preparações diluídas ou suspensões. **Por inalação:** 3-4 gotas de óleo essencial em água quente. **Expectorante:** óleo essencial 2-10 mg por pastilha. **Para síndrome do intestino irritável:** uma dose diária de 0,2-0,4 mL de óleo essencial três vezes por dia em cápsulas com revestimento entérico.

Uso externo:⁵ 5%-20% de óleo essencial diluído, semissólido ou preparações oleosas; 5%-10% de óleo essencial em água-etanol; pomadas nasais contendo 1%-5% da droga bruta.

A dose diária e posologia também são descritas na monografia da *European Medicines Agency* para *Mentha x piperita*.¹⁷ As doses usadas são divididas em doses bem estabelecidas e doses de uso tradicional.

Doses bem estabelecidas: via oral: para adolescentes com mais de 12 anos de idade, adultos e idosos utilizar 0,2-0,4 mL em cápsulas gastrorresistentes até três vezes ao dia. Para crianças entre 8 e 12 anos de idade utilizar 0,2 mL em cápsulas gastrorresistentes, até três vezes por dia. **Uso cutâneo:** o uso não é recomendado em crianças e adolescentes menores de 18 anos de idade.

Doses de uso tradicional: cutânea e por via transdérmica: dose única, crianças entre 4 e 10 anos de idade usar preparações semissólidas 2%-10%, e preparações hidroetanólicas 2%-4%. Para crianças com idade entre 10 a 12 anos, adolescentes entre 12 a 16 anos usar preparações semissólidas 5%-15% e preparações hidroetanólicas 3%- 6% até três vezes por dia.¹⁷

4.5.3 Período de utilização

De acordo com a monografia da *Mentha x piperita* da *European Medicines Agency*, o período de uso é dividido em “período de uso bem estabelecido” e “período de uso por indicação popular”.

Período de uso bem estabelecido: Por via oral, as cápsulas gastrorresistentes devem ser tomadas até os sintomas desaparecerem, geralmente dentro de um período de uma a duas semanas. Às vezes, quando os sintomas são mais persistentes, a ingestão de cápsulas gastrorresistente pode ser continuado por períodos de não mais de três meses. Uso cutâneo: se os sintomas persistirem ou se agravarem depois de duas semanas, um médico deve ser consultado.¹⁷

Período de uso por indicação popular: para sintomas de tosse e resfriado, não usar mais que duas semanas. Para aliviar sintomas de prurido localizado e dor muscular, não usar por mais de três meses.¹⁷

4.5.4 Contraindicações

Seguem as contraindicações de acordo com a monografia da *Mentha x piperita* da EMA.¹⁷

Via oral

Hipersensibilidade ao óleo de hortelã ou mentol. Pacientes com doença hepática, colangite, acloridria, cálculos biliares e qualquer outro distúrbio biliar.¹⁷

Uso cutâneo

Hipersensibilidade ao óleo da hortelã-pimenta ou ao mentol.¹⁷

Uso em crianças

Contraindicado em crianças menores de 2 anos de idade, porque mentol pode provocar apneia reflexa e laringoespasma. Crianças com histórico de convulsões (febris ou não) e em crianças que apresentam hipersensibilidade ao óleo de hortelã ou mentol.¹⁷

De acordo com a monografia da OMS, preparações de *Mentha x piperita* não deverão ser utilizadas internamente por pacientes com inflamação do trato gastrointestinal ou da vesícula biliar, ou com insuficiência hepática.⁵ Hipersensibilidade ao óleo essencial tem sido relatada.⁵ Advertência é descrita para preparações de *Mentha x piperita* e esta não deve ser aplicada no rosto, especialmente no nariz de bebês ou crianças pequenas.⁵

4.5.5 Grupos de risco

Dado não encontrado na literatura pesquisada.

4.5.6 Precauções de uso

De acordo com a monografia para *Mentha x piperita* da OMS, as precauções de uso são para pacientes com acloridria (devido ao uso de antagonistas de receptores H2 de histamina) que só devem usar preparações com revestimento entérico.⁵ Quanto ao uso pediátrico, não há informações disponíveis. Portanto, *Mentha x piperita* não deve ser administrada a crianças sem supervisão médica.⁵ Não há informações disponíveis sobre as precauções relativas às interações medicamentosas e interações dos testes laboratoriais.⁵ Não há informações disponíveis quanto a efeitos teratogênicos e não teratogênicos na gravidez; ou durante amamentação. Portanto, não deve ser administrado durante a gravidez ou lactação sem supervisão médica.⁵ De acordo com a monografia para *Mentha x piperita* publicada na *European Medicines Agency*¹⁷ as precauções de uso são: Via oral: o uso não é recomendado em crianças com menos de 8 anos de idade, uma vez que não há dados experimentais suficientes disponíveis. As cápsulas devem ser engolidas inteiras, ou seja, não quebrada ou mastigada, pois isso pode libertar o óleo da hortelã-pimenta prematuramente e pode possivelmente causar irritação local na boca e esôfago. Os pacientes que já sofrem de azia ou hérnia de hiato podem ter exacerbação destes sintomas após tomar óleo de hortelã-pimenta. O tratamento deve ser descontinuado nestes pacientes. Quanto ao uso cutâneo, não é recomendado em crianças e adolescentes menores de 18 anos de idade. Contato das mãos (sem lavar) com os olhos após a aplicação do óleo de hortelã-pimenta pode potencialmente causar irritação.¹⁷

4.5.7 Efeitos adversos relatados

Queixas gástricas foram relatadas após a administração interna da *Mentha x piperita* em indivíduos sensíveis ao óleo essencial. A utilização entérica de preparações não revestidas de óleos essenciais pode causar azia ocasionalmente, especialmente em pacientes que sofrem de esofagite de refluxo.⁵ Erupções cutâneas de pele, dores de cabeça, azia, queimação perianal, bradicardia, tremores musculares e ataxia têm sido relatados como efeitos colaterais raros, geralmente associados à overdose.⁵ Dor muscular recorrente tem sido associada com a ingestão do óleo essencial. Irritação da pele tem sido relatada após administração externa de *Mentha x piperita*.⁵ Urina e fezes com odor de mentol, disúria e inflamação da glândula do pênis foram relatadas.¹⁷ As reações alérgicas ao mentol

foram relatadas, como dor de cabeça, bradicardia, tremor muscular, ataxia, choque anafilático, erupção cutânea, azia, queimação perianal, visão turva, náuseas e vômitos.¹⁷ Irritação da pele e mucosa do nariz é possível, após a aplicação local. Por via inalatória pode ocorrer apneia, bronco e laringoconstrição em pacientes com hipersensibilidade.¹⁷ Em contato com a cavidade bucal pode ocorrer ardência bucal ou ulceração oral.¹⁷

Um caso de anafilaxia foi encontrado na literatura para o uso da *Mentha* (espécie não especificada). Nesse relato de caso, um homem de 69 anos apresentou sintomas de inchaço nos lábios e na língua, sensação de aperto na garganta, falta de ar dentro de cinco minutos após chupar uma bala de hortelã. Ele negou tontura, fraqueza, náuseas, vômitos ou urticária. Ele recebeu 25 mg de difenidramina, mas seus sintomas evoluíram para início de tosse, chiado e dificuldade em falar e engolir. Ele foi levado para o pronto-socorro mais próximo onde ele foi tratado com adrenalina intramuscular, anti-histamínicos e corticoides. Ele ainda relatou aparecimento de coceira na boca e na língua e leve edema labial depois de usar creme dental de hortelã. Ele negou história prévia de alergias, asma, rinite alérgica, alimentos ou drogas. Sua história médica é marcante para hipercolesterolemia, refluxo gastroesofágico e gota. Relatou que cultivava em seu quintal *Mentha* e admitiu desenvolver congestão nasal, tosse e chiado quando jardinava. Teste cutâneo foi fortemente positivo a uma suspensão de doces de hortelã-pimenta e hortelã-pimenta folha fresca, com controles adequados. Os mesmos testes realizados em cinco voluntários saudáveis produziram resultados negativos. Foi aconselhado evitar totalmente produtos contendo hortelã. Na reavaliação, ele relatou que havia retirado as plantas de hortelã do seu jardim e isso levou à resolução dos sintomas quando jardinava.¹⁴² Outro caso de reação alérgica à pasta de dente com essência de *Mentha x piperita* foi relatado.¹⁴³ Os autores descrevem o caso de uma mulher de 46 anos que relacionava os episódios de alergia com uso de pastas dentífricas, de duas marcas diferentes, ambas contendo essência de *Mentha x piperita*. Os testes cutâneos por picada foram positivos com as pastas dentífricas, com óleo de hortelã-pimenta (“aroma” comum) e com metamizol. Foi efetuada a prova de provocação com utilização de pasta dentífrica contendo *Mentha*, com aparecimento imediato de urticária, cólicas abdominais e broncospasmo. Os autores concluem que a doente apresenta uma alergia mediada por IgE a menta (*Mentha x piperita*), derivado da hortelã-pimenta e ao metamizol, tendo sido indicada a evitar absolutamente o uso de produtos contendo menta ou hortelã-pimenta e metamizol.¹⁴³

4.5.8 Interações medicamentosas

4.5.8.1 Descritas e potenciais

Via oral: uso de alimentos ou antiácidos administrados concomitantemente pode causar a liberação antecipada do conteúdo presente na cápsula. Outros medicamentos usados para diminuir a acidez do estômago, como antagonistas de receptores do tipo H2 para histamina e os inibidores da bomba de prótons, podem causar dissolução prematura do revestimento entérico e devem ser evitados.¹⁷

De acordo com um artigo de revisão, algumas interações medicamentosas com a *Mentha x piperita* podem ocorrer.¹⁰³ Seguem estas interações:

1. Antibacterianos: baseado em um estudo in vitro, óleo de hortelã-pimenta e mentol podem ter sinergia positiva com alguns antibacterianos.
2. Ciclosporina: óleo essencial de hortelã-pimenta pode aumentar significativamente a biodisponibilidade oral da ciclosporina por meio da inibição da enzima hepática do citocromo P450 3A4⁵⁵ ou inibir o metabolismo da ciclosporina.
3. Agentes metabolizados pelo citocromo P450: óleo de hortelã-pimenta pode inibir o citocromo P450 3A4, o que pode levar ao aumento dos níveis sanguíneos de fármacos que são metabolizados por esta via.
4. Oxitetraciclina: óleo de hortelã-pimenta e mentol podem ter sinergia com oxitetraciclina.
5. 5-fluorouracil (tópica): óleo de hortelã-pimenta pode melhorar a absorção tópica de 5-fluorouracil.
6. Antiácidos: alguns especialistas sugerem que as drogas que diminuem o ácido do estômago e aumentam o pH gástrico pode provocar a dissolução prematura de óleo de hortelã-pimenta com revestimento entérico, de acordo com fontes secundárias.

4.5.9 Informações de superdosagem

4.5.9.1 Descrição do quadro clínico

Por via oral ou administração na mucosa bucal, uma overdose pode causar graves sintomas gastrointestinais, diarreia, ulceração retal, convulsões epiléticas, perda de consciência, apneia, náuseas, distúrbios no ritmo cardíaco, ataxia e outros problemas do sistema nervoso central, provavelmente devido à presença de mentol.¹⁷ Não foram notificadas superdosagens por via cutânea e transdérmica. A inalação de grandes doses de mentol pode levar a tonturas, confusão, fraqueza muscular, náuseas e visão dupla.¹⁷

4.5.9.2 Ações a serem tomadas

Em caso de superdosagem, o estômago deve ser esvaziado por lavagem gástrica e realizar tratamento sintomático, caso necessário.¹⁷



5

**INFORMAÇÕES
&
GERAIS**

■ 5.1 FORMAS FARMACÊUTICAS / FORMULAÇÕES DESCRITAS NA LITERATURA

De acordo com a monografia da EMA,¹⁷ existem formulações em cápsula para uso oral, soluções líquidas e semissólidas para uso tópico, por inalação e para uso buco-oral.¹⁷ De acordo com a monografia para *Mentha x piperita* da OMS,⁵ existem preparações de óleo essencial, emulsão de hortelã-pimenta concentrada, spray de hortelã-pimenta e outras preparações galênicas.⁵

■ 5.2 PRODUTOS REGISTRADOS NA ANVISA E OUTRAS AGÊNCIAS REGULADORAS

A *Mentha x piperita* encontra-se na lista de medicamentos fitoterápicos de registro simplificado (ver Quadro 1, seção 4.2) divulgada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) por meio da IN n.º 2, de 13 de maio de 2014.²⁷

■ 5.3 EMBALAGEM E ARMAZENAMENTO

Na *Farmacopeia Brasileira*⁶ a forma de armazenamento e de embalagem é em recipientes de vidro ou metal, bem fechados, ao abrigo da luz.

■ 5.4 ROTULAGEM

Dado não encontrado na literatura pesquisada.

■ 5.5 MONOGRAFIAS EM COMPÊNDIOS OFICIAIS E NÃO OFICIAIS

A *Mentha x piperita* está presente nas seguintes monografias:

- *Farmacopeia Brasileira* (Volume 2).⁶
- Monografias da OMS (*WHO Monographs on Selected Medicinal Plants*).⁵
- *European Medicines Agency* (EMA).¹⁷

■ 5.6 PATENTES SOLICITADAS PARA A ESPÉCIE VEGETAL

A busca por patentes foi realizada nos bancos de dados do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (Inpi) – www.inpi.gov.br; Organização Mundial da Propriedade Intelectual (em inglês, *World Intellectual Property Organization* – WIPO) – www.wipo.int; US Patents – www.uspto.gov; *European Patent Office* (EPO) – www.epo.org e *Japan Patent Office* (JPO) – www.jpo.go.jp, com a palavra-chave “*Mentha piperita*”. A lista de patentes a seguir (Quadro 2) contém informações compiladas da busca. Foram incluídas, na lista a seguir, apenas as patentes que envolveram usos medicinais para a *Mentha x piperita* isolada ou em associação de várias plantas. Não foram encontradas outras patentes de uso medicinal para a *Mentha x piperita* nos sites US Patents – www.uspto.gov; EPO – www.epo.org e JPO – www.jpo.go.jp.

Quadro 2 – Lista de patentes para a espécie *Mentha x piperita*

Banco de dados pesquisado	Número do depósito	Data de depósito	Inventor	Título	Detalhes do invento
WIPO	13649460	18/4/2013	Tsai Jaw-Ji	Herbal composition and method for treatment of airway inflammation using the same	Uma composição de ervas incluindo <i>Dioscorea opposita</i> , sementes de <i>Nelumbo nucifera</i> , sementes de <i>Euryale ferox</i> , <i>Poria cocos</i> , <i>Diospyros kaki</i> , <i>Prunus dulcis</i> , folhas de <i>Mentha x piperita</i> e <i>Panax quinquefolius</i> . Um método para o tratamento de inflamação das vias respiratórias em mamíferos inclui a administração dessa composição à base de plantas ao mamífero em necessidade. ¹⁴⁴
WIPO	10785455	6/11/2012	Jackson Christi Jeanaye	PHS1	Uma composição de ervas incluindo <i>Dioscorea opposita</i> , sementes de <i>Nelumbo nucifera</i> , sementes de <i>Euryale ferox</i> , <i>Poria cocos</i> , <i>Diospyros kaki</i> , <i>Prunus dulcis</i> , folhas de <i>Mentha x piperita</i> e <i>Panax quinquefolius</i> . Um método para o tratamento de inflamação das vias respiratórias em mamífero usando a composição dessas plantas administradas ao mamífero em necessidade de tal tratamento. ¹⁴⁴
WIPO	10785455	17/10/2012	Rittinghausen Reiner	Compound for treating gastrointestinal problems	A invenção refere-se a um composto que é, em particular, adequado para o tratamento de problemas gastrointestinais, o composto que compreende extratos, essências e/ou tinturas de plantas e/ou partes de plantas de <i>Camomila recutica</i> , <i>Melissa officinalis</i> , <i>Mentha x piperita</i> , <i>Carum carvi</i> e <i>Centaurium erythraea</i> . ¹⁴⁴
WIPO	2008306786	10/6/2010	Torii Kosuke	Alleviating agent for decline of cognitive- memory function	Agente para aliviar declínio das funções cognitivas de memória. Inclui uma composição de <i>Cordyceps sinensis</i> , <i>Carthamus tinctorius</i> L., <i>Valeriana fauriei</i> , <i>Mentha x piperita</i> , <i>Rosmarinus officinalis</i> , <i>Curcuma domestica</i> e <i>Ginkgo biloba</i> , como componentes ativos. ¹⁴⁴
WIPO	2008162839	7/1/2010	Takano Kenichi	Nerve stretch-inhibiting agent	Agente inibidor do estiramento do nervo que inclui uma composição de <i>Helicteres Isora</i> , <i>Geranium thunbergii</i> , <i>Alpinia galanga</i> , <i>Acanthopanax giraldii</i> , <i>Evodiae Fructus</i> , <i>Salvia splendens</i> , <i>Artemisia Apiáceas</i> , <i>Melia toosendan</i> , <i>Humulus lupulus</i> , <i>Rubus chingii</i> , <i>Mentha x piperita</i> , <i>Momordica cochinchinensis</i> e <i>Rosmarinus officinalis</i> . ¹⁴⁴
WIPO	PCT/GE2009/000003	15/10/2009	Kurdadze, Nino	Herbal mix for treating upper respiratory diseases and pharmaceutical forms based thereon	O misturado de ervas compreende <i>Althea officinalis</i> , <i>Inula helenium</i> , <i>Tussilago farfara</i> , <i>Pinus sylvestris</i> , <i>Salvia officinalis</i> , <i>Matricaria chamomilla</i> L., <i>Mentha x piperita</i> , <i>Leonurus quinquelobatus</i> , <i>Calendula officinalis</i> e <i>Thymus vulgaris</i> L. ou <i>Satureja hortensis</i> L. A forma farmacêutica compreende o extrato seco da mistura mencionada ou a mistura de extratos secos das plantas e aditivos farmacêuticamente aceitáveis. As misturas de formas farmacêuticas mencionadas são utilizadas para o tratamento da bronquite, pneumonia, pleurisia e tuberculose. ¹⁴⁴
WIPO	12345556	7/8/2008	Hedayat Kamyar Malek	Essential Oil Diffusion	Um método para tratar e/ou aliviar pelo menos um sintoma associado com a limpeza das vias respiratória prejudicada, o consumo de oxigênio diminuído, muco e/ou infecção em um paciente que sofre de uma doença respiratória e/ou doença pulmonar restritiva inclui a administração ao paciente de uma quantidade eficaz de uma composição de óleo essencial que inclui pelo menos um óleo essencial selecionado a partir de <i>Lavandula latifolia</i> (lavanda pico), <i>Thymus mastichina</i> (manjerona Espanhol); <i>Abies balsamea</i> (abeto balsâmico) e <i>Mentha x piperita</i> (hortelã-pimenta). Os sintomas associados com a depuração diminuída das vias respiratórias, o consumo de oxigênio reduzida e/ou infecção pode ser aliviada por meio de inalação passiva ou ativa da composição do óleo essencial. ¹⁴⁴
WIPO	10993653	25/5/2006	Nichols Wendy S.	Essential oil blend for inhalation	A presente invenção proporciona uma nova mistura de óleos essenciais e ervas. A mistura da invenção pode ser utilizada para tratar a náusea. A mistura da invenção pode ser utilizada para proporcionar uma sensação calmante. Opcionalmente, a mistura de novo é introduzida no corpo de uma pessoa por meio de inalação. Em um aspecto da invenção, a nova mistura de óleos essenciais e ervas inclui <i>Mentha x piperita</i> (hortelã-pimenta), <i>Mentha spicata</i> (hortelã), <i>Zingiber officinale</i> (gengibre), <i>Lavandula angustifolia</i> (lavanda), <i>Ocimum basilicum</i> (manjeriçã), <i>Artemesia dracunculus</i> (estragão). ¹⁴⁴

continua



conclusão

Banco de dados pesquisado	Número do depósito	Data de depósito	Inventor	Título	Detalhes do invento
WIPO	1020030068 688	9/4/2004	Lee, Byeong Gap	Pharmaceutica l composition for treating liverdisease	Uma composição farmacêutica para o tratamento da doença hepática compreende 20%-40% de <i>Carduus marianus</i> ou <i>Silybum marianum</i> , 15%-30% de <i>Echinacea</i> , 5%-15% de <i>Taraxacum officinale</i> , 5%-10% de <i>Uva ursi</i> , 5%-10% de <i>ganchos Uncaria</i> , 2%-10% de <i>Arctium lappa</i> , 2%-10% de <i>Ulmi córtex</i> , 2%-10% de <i>Spirulina sp.</i> , 1,5%-10% de <i>Glycyrrhiza uralensis</i> , 1%-10% de <i>Crataegi fructus</i> , 1%-10% de <i>Carthami flos</i> , 1%-10% da <i>Curcuma longa</i> , 1%-10% de folhas da <i>Mentha x piperita</i> , 1,5%-10% de <i>Plantago asiatica</i> e 2%-10% da <i>Pfaffia paniculata</i> . ¹⁴⁴
WIPO	1020030068 690	9/4/2004	Lee, Byeong Gap	Pharmaceutica l composition for treating thrombus	Uma composição farmacêutica para o tratamento de trombo compreende 10%-20% de <i>Ginkgo biloba</i> , 15%-30% de <i>Marianus carduus</i> ou <i>Silybum marianum</i> , 5%-15% de <i>Taraxacum officinale</i> , 5%-15% de <i>Centella asiatica</i> , 5%-15% de <i>Crataegi fructus</i> , 5%-15% de <i>Carthami flos</i> , 1%-10% de <i>goma guar</i> , 1%-10% de folhas de <i>Vaccinium vitis</i> ou <i>Vaccinium myrtillus</i> , 1%-10% do <i>Biota orientalis</i> ou <i>Juniperus communis</i> , 1%-10% de extrato de semente de uva, 1%-7% de <i>Arctium lappa</i> , 1%-7% de <i>Plantago asiatica</i> , 1%-7% de <i>Uva ursi</i> , 1%-7% de gengibre seco, 0,5%-5% de <i>foenum</i> , 0,5%-5% de <i>Glycyrrhiza uralensis</i> , 0,5%-5% da <i>Pfaffia paniculata</i> , 0,5%-5% de folhas <i>Mentha x piperita</i> e 0,5%-5% de <i>Spirulina sp.</i> ¹⁴⁴
WIPO	2001192812	15/1/2003	Ijiri Aki	Promoter for vascular endothelial growth factor production	Promotor da produção de fator de crescimento derivado do endotélio (VEGF) obtida por meio da inclusão de um ou mais tipos selecionados a partir de um extrato de <i>Paeonia lactiflora Pall.</i> e suas espécies aliadas, um extrato de uma planta pertencente ao gênero <i>Tilia</i> , respectivos extratos de <i>Equisetum arvense L.</i> , <i>Mentha arvensis L. var. piperascens Malin.</i> , <i>Mentha x piperita L.</i> e <i>Mentha viridis L.</i> e um extrato da folha e uma planta pertencente ao gênero <i>Citrus</i> . ¹⁴⁴
WIPO	E96920051	16/5/2002	Ninkov, Dusan	Composiciones farmaceuticas basadas en aceites etericos obtenidos a partir de plantas, para uso en el campo de la medicina humana.	Descreve os compostos farmacêuticos que são baseadas nas propriedades inflamatórias do óleo essencial formado por <i>Origanum vulgare</i> , <i>Thymus vulgaris</i> , <i>Mentha x piperita</i> , <i>Timo serpilum</i> , <i>Saturea hortensis</i> , <i>Saturea montana</i> , <i>Saturea subricata</i> , <i>Corticum carum</i> , <i>Timo zugis</i> , <i>Ocimum Gratisimum</i> , <i>Moranda Pungtata</i> , <i>Mosla Japanoica</i> e <i>Salvia officinalis</i> . Preferencialmente utilizados óleos obtidos na destilação <i>Origanum vulgare</i> , <i>Thymus vulgaris</i> e/ou <i>Mentha x piperita</i> . ¹⁴⁴
WIPO	09356499	27/11/2001	Ninkov, Dusan	Compositions containing thymol and carvacrol and methods of treating gastrointestinal infections with the compositions	A invenção refere-se a compostos farmacêuticos que são baseados nas propriedades anti- inflamatórias dos óleos etéricos selecionados a partir do grupo que consiste de <i>Origanum vulgare</i> , <i>Thymus vulgaris</i> , <i>Mentha x piperita</i> , <i>Thymus serpilum</i> , <i>Saturea hortensis</i> , <i>Saturea montana</i> , <i>Saturea subricata</i> , <i>Carum Corticum</i> , <i>Thymus zugis</i> , <i>Ocimum gratisimum</i> , <i>Moranda pungtata</i> , <i>Mosla japanoica</i> e <i>Salvia officinalis</i> . A composição de acordo com a invenção pode ser utilizada no tratamento da colibacilose, dermatomicose, piolhos, fungos de pé, dermatite e acne. ¹⁴⁴
WIPO	89909908	2/5/1991	Deryabin Alexandr Mikhailovich	Pharmaceutic al preparation for treatment of mastitis in animals and humans.	Uma preparação farmacêutica para o tratamento de mastite em animais e seres humanos consistem de uma mistura de uma decocção e infusão das seguintes ervas medicinais, tomadas a proporção em peso igual: <i>Matricaria chamomilla</i> ; <i>Calendula officinalis L.</i> (flores); <i>urtiga (Urtia L.) dióico</i> ; <i>Centaury (Centaurium Mill) umbelliferous</i> ; brotos de pinheiros; <i>Plantago major L.</i> ; brotos de bétula; manjerona selvagem (<i>Origanum vulgare L.</i>); <i>Salvia officinalis L.</i> ; <i>Angelica archangelica officinalis</i> ; dente-de-leão (<i>Taraxacum L.</i>); tussilagem (<i>tussilagem Tissilago L.</i>) (folhas); grande Burnet (<i>Sanguisorba officinalis L.</i>); <i>Valeriana officinalis L.</i> ; <i>Mentha x piperita L.</i> ; tomilho (<i>Thymus vulgaris L.</i>); bur-calêndula (<i>Bedens tripartite</i>). ¹⁴⁴
INPI	PI 1101052-5 A2	7/3/2011	Fernanda de Freitas Anibal, Lizandra Guidi Magalhães, Luis Vitor Silva do Sacramento, Naiara Naiana Dejani, Ricardo de Oliveira Correia, Vanderlei Rodrigues	Composição extrato vegetal e processo de preparação dele.	É descrita uma composição farmacêutica para o tratamento da esquistossomose, contendo como princípio ativo o extrato vegetal padronizado de <i>Mentha x piperita L.</i> e um veículo aceitável do ponto de vista farmacêutico. A proporção de extrato vegetal está na faixa de 100 mg/kg. O extrato vegetal é definido por várias propriedades. O extrato vegetal padronizado é preparado a partir das folhas de <i>Mentha x piperita L.</i> combinadas com álcool, homogeneizadas em liquidificador, filtradas e concentradas. O princípio ativo concentrado assim obtido, sendo levado a fluxo laminar para ser seco e produzir o extrato seco, que é recuperado pronto para uso. ¹⁴⁵

■ 5.7 DIVERSOS

Dado não encontrado na literatura pesquisada.





REFERÊNCIAS

1. JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO. **Reflora Plantas do Brasil**: resgate histórico e herbário virtual para o conhecimento e conservação da flora brasileira. Rio de Janeiro: JBRJ, [2021]. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 13 set. 2014.
2. THE INTERNATIONAL PLANT NAME INDEX. [Site]. 2014. Disponível em: <https://www.ipni.org/>. Acesso em: 13 set. 2014.
3. MISSOURI BOTANICAL GARDEN. **Tropicos**. Saint Louis: MBG, 2014. Disponível em: <http://www.tropicos.org/NameSearch.aspx>. Acesso em: 13 set. 2014.
4. PAUL, R.; DATTA, K. A. An Updated Overview on Peppermint (*Mentha Piperita* L.). **International Research Journal of Pharmacy**, Índia, v. 2, n. 8, p. 1, 2011.
5. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO monographs on selected medicinal plants**. Genebra: WHO, 2003.
6. BRASIL. Ministério da Saúde; AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (Brasil). **Resolução RDC nº 49, de 23 de novembro de 2010**. Aprova a Farmacopeia Brasileira, 5ª edição e dá outras providências. Brasília, DF: MS, 2010.
7. SÁNCHEZ, E. *et al.* M. *Mentha x piperita*. **Revista Cubana de Plantas Medicinales**, Cuba, v. 1, n. 3, p. 40-45, 1996.
8. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Quality control methods for medicinal plant materials**. Genebra: OMS, 1998.
9. SUJANA, P. *et al.* Antibacterial Activity and Phytochemical Analysis of *Mentha piperita* L. (Peppermint): An Important Multipurpose Medicinal Plant. **American Journal of Plant Sciences**, Índia, v. 4, n. 1, p. 77, 2013.
10. MCKAY, D. L.; BLUMBERG, J. B. A review of the bioactivity and potential health benefits of peppermint tea (*Mentha piperita* L.). **Phytotherapy Research**, London, v. 20, n. 8, p. 619-633, 2006.
11. MIMICA-DUKIC, N.; BOZIN, B. *Mentha* L. Species (Lamiaceae) as Promising Sources of Bioactive Secondary Metabolites. **Current Pharmaceutical Design**, United Arab Emirates, v. 14, n. 29, p. 3141-3150, 2008.

12. CURUTCHET, A. *et al.* Nutritional and sensory quality during refrigerated storage of fresh-cut mints (mentha x piperita and m. Spicata). **Food Chemistry**, [s. l.], v. 143, p. 231-238, 2014.
13. BETONI, J. E. C. *et al.* Synergism between plant extract and antimicrobial drugs used on Staphylococcus aureus diseases. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, v. 101, n. 4, p. 387-390, 2006.
14. VIDAL, F. *et al.* Giardia lamblia: The effects of extracts and fractions from Mentha x piperita Lin. (Lamiaceae) on trophozoites. **Experimental Parasitology**, Orlando, FL, v. 115, n. 1, p. 25-31, 2007.
15. VLADIMIR-KNEZEVIC, S. *et al.* Acetylcholinesterase inhibitory, antioxidant and phytochemical properties of selected medicinal plants of the lamiaceae family. **Molecules**, Basel, Switzerland, v. 19, n. 1, p. 767-782, 2014.
16. NARANJO, J. de la P. *et al.* Disminución del tránsito intestinal en ratones por tintura al 20 % de Mentha piperita Linn. **Revista Cubanade Medicina Militar**, Ciudad de la Habana, v. 31, n. 4, p. 1, 2002.
17. EUROPEAN MEDICINES AGENCY. **Community herbal monograph**. 2007. Disponível em: https://www.ema.europa.eu/en/medicines/field_ema_web_categories%253Aname_field/Herbal/field_ema_herb_outcome/european-union-herbal-monograph-254 . Acesso em: 22 set. 2014.
18. ISCAN, G. *et al.* Antimicrobial screening of Mentha piperita essential oils. **Journal of Agricultural and Food Chemistry**, Washington, DC, v. 50, n. 14, p. 3943-3946, 2002.
19. KIZIL, S. *et al.* Mineral Content, Essential Oil Components and Biological Activity of Two Mentha Species (M. piperita L., M. spicata L.). **Turkish Journal of Field Crops**, Turkey, v. 15, n. 2, p. 148-153, 2010.
20. CARVALHO, C. O. *et al.* The anthelmintic effect of plant extracts on Haemonchus contortus and Strongyloides venezuelensis. **Veterinary Parasitology**, Amsterdam, v. 183, n. 3/4, p. 260-268, 2012.
21. NOLKEMPER, S. *et al.* Antiviral effect of aqueous extracts from species of the Lamiaceae family against Herpes simplex virus type 1 and type 2 in vitro. **Planta Medica**, Stuttgart, v. 72, n. 15, p. 1378-1382, 2006.

22. NARANJO, J. de la P. *et al.* Antiparasitic activity of a *Mentha piperita* Linn. Actividad antiparasitaria de una decocción de *Mentha piperita* Linn. **Revista Cubana de Medicina Militar**, Ciudad de la Habana, v. 35, n. 3, p. 1-4, 2006.
23. KAPP, K. *et al.* Commercial peppermint (*Mentha x piperita* L.) teas: Antichlamydial effect and polyphenolic composition. **Food Research International**, Barking, Inglaterra, v. 53, n. 2, p. 758-766, 2013.
24. SCHUHMACHER, A.; REICHLING, J.; SCHNITZLER, P. Virucidal effect of peppermint oil on the enveloped viruses herpes simplex virus type 1 and type 2 in vitro. **Phytomedicine**, Stuttgart, v. 10, n. 6/7, p. 504-510, 2003.
25. CANADA. Health Canada. **Natural health products regulations**. 2008. Disponível em: <http://webprod.hc-sc.gc.ca/nhp/nd-bdipsn/monoReq.do?id=144>. Acesso em: 4 nov. 2014.
26. AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (Brasil). **Resolução RDC n.º 10, de 9 de março de 2010**. Dispõe sobre a notificação de drogas vegetais junto à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e dá outras providências. Brasília, DF: MS: Anvisa, 2010. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2010/res0010_09_03_2010.html. Acesso em: 18 ago. 2021.
27. AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (Brasil). **[Site]**. Brasília, DF: Anvisa, [2021]. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/wps/wcm/connect/a5beee004fa126df932cf79a71dcc661/Consulta+P%C3%BAblica+n+14+SECOL.pdf?MOD=AJPERES>. Acesso em: 2 jul. 2021.
28. PARRA, A. L. *et al.* Toxicidad aguda oral de extractos hidroalcohólicos de plantas medicinales. **Revista Cubana de Plantas Medicinales**, Ciudad de la Habana, v. 4, n. 1, p. 26-28, 1999.
29. SOKOVIĆ, M. D. *et al.* Antifungal activity of the essential oil of *Mentha x piperita*. **Pharmaceutical Biology**, [London], v. 44, n. 7, p. 511-515, 2006.
30. SHARAFI, S. M. *et al.* Protective effects of bioactive phytochemicals from *Mentha piperita* with multiple health potentials. **Pharmacognosy Magazine**, India, v. 6, n. 23, p. 147-153, 2010.

31. NAIR, B. Final report on the safety assessment of Mentha Piperita (Peppermint) Oil, Mentha Piperita (Peppermint) Leaf Extract, Mentha Piperita (Peppermint) Leaf, and Mentha Piperita (Peppermint) Leaf Water. **International Journal of Toxicology**, Washington, DC, v. 20, p. 61-73, 2001. Suppl. 3.
32. GOLALIPOUR, M. J. *et al.* Estudio de la embriotoxicidad de mentha piperita l. durante la organogénesis en ratones balb/c. **International Journal of Morphology**, Chile, v. 29, n. 3, p. 862-867, 2011.
33. PARRA, A. V. *et al.* Estudio genotóxico in vitro e in vivo en tinturas de Melissa officinalis L. (toronjil) y Mentha piperita L. (toronjil de menta). **Revista Cubana de Plantas Medicinales**, Ciudad de La Habana, v. 2, n. 1, p. 6, 1997.
34. ROMERO-JIMÉNEZ, M. *et al.* Genotoxicity and anti-genotoxicity of some traditional medicinal herbs. **Mutation Research - Genetic Toxicology and Environmental Mutagenesis**, Amsterdam, v. 585, n. 1/2, p. 147-155, 2005.
35. LAZUTKA, J. R. *et al.* Genotoxicity of dill (*Anethum graveolens* L.), peppermint (*Mentha piperita* L.) and pine (*Pinus sylvestris* L.) essential oils in human lymphocytes and *Drosophila melanogaster*. **Food and Chemical Toxicology**, Oxford, v. 39, n. 5, p. 485-492, 2001.
36. RAHIMIFARD, N. *et al.* Cytotoxic effects of essential oils and extracts of some Mentha species on Vero, Hela and Hep2 cell lines. **Journal of Medicinal Plants**, [s. l.], v. 9, n. 35, p. 88-92, 2010.
37. ROJAS, J.; SOLÍS, H.; PALACIOS, O. Evaluación in vitro de la actividad anti Trypanosoma cruzi de aceites esenciales de diez plantas medicinales. **Anales de la Facultad de Medicina**, Peru, v. 71, n. 3, p. 161-165, 2010.
38. ABASCAL, K.; YARNELL, E. Plants for addressing multidrug resistance: An update. **Alternative and Complementary Therapies**, [s. l.], v. 19, n. 3, p. 126-132, 2013.
39. ALBAYRAK, S.; AKSOY, A.; SAGDI, O. In vitro antioxidant and antimicrobial activity of some Lamiaceae species. **Iranian Journal of Science and Technology, Transaction A: Science, Iran**, v. 37, n. A1, p. 1-9, 2013.
40. ALVARENGA, A. L. *et al.* Antimicrobial activity of plant extracts against human bacterial pathogens. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, SP, v. 9, n. 4, p. 86-91, 2007.

41. ERTÜRK, Ö. Antibacterial and antifungal activity of ethanolic extracts from eleven spice plants. **Biologia**, [s. l.], v. 61, n. 3, p. 275-278, 2006.
42. MAHAM, S. *et al.* The antimycobacterium activity of mentha piperita and mentha spicata ethanolic extract against mycobacterium Bovis in comparison with isoniazid. **Iranian Journal of Clinical Infectious Diseases**, Iran, v. 6, n. 2, p. 78-81, 2011.
43. HÖFLING, J. F. *et al.* Antimicrobial potential of some plant extracts against Candida species. **Brazilian Journal of Biology**, São Carlos, SP, v. 70, n. 4, p. 1065-1068, 2010.
44. SAEED, S.; TARIQ, P. Antibacterial activities of Mentha piperita, Pisum sativum and Momordica charantia. **Pakistan Journal of Botany**, Pakistan, v. 37, n. 4, p. 997-1001, 2005.
45. CARRETTO, C. de F. P. *et al.* Antimicrobial activity of Mentha piperita L. against Candidaspp. **Brazilian Dental Science**, São José dos Campos, SP, v. 13, n. 1/2, p. 4-9, 2011.
46. MATOS, B. M. de *et al.* Atividade antifúngica do extrato alcoólico de Mentha piperita sobre Candida albicans e C.tropicalis. **Revista de Odontologia da UNESP**, Araraquara, v. 38, n. 4, p. 244-248, 2009.
47. GRUMEZESCU, A. M. *et al.* Ocimum Basilicum and Mentha Piperita Essential Oils Influence the Antimicrobial Susceptibility of Staphylococcus Aureus Strains. **Letters in Applied NanoBioScience**, Bucharest, Romania, v. 1, n. 1, p. 14, 2012.
48. BASSOLÉ, I. H. N. *et al.* Composition and Antimicrobial Activities of Lippia multiflora Moldenke, Mentha x piperita L. and Ocimum basilicum L. Essential Oils and Their Major Monoterpene Alcohols Alone and in Combination. **Molecules**, Basel, Switzerland, v. 15, n. 11, p. 7825-7839, 2010.
49. AL-MARIRI, A.; SAOUR, G.; HAMOU, R. In vitro antibacterial effects of five volatile oil extracts against intramacrophage Brucella abortus 544. **Iranian Journal of Medical Sciences**, Shiraz, Iran, v. 37, n. 2, p. 119-125, 2012.
50. ARIDOĞAN, B. C. *et al.* Antimicrobial activity and chemical composition of some essential oils. **Archives of Pharmacal Research**, Seoul, v. 25, n. 6, p. 860-864, 2002.

51. MOHSENZADEH, M. Evaluation of antibacterial activity of selected Iranian essential oils against *Staphylococcus aureus* and *Escherichia coli* in nutrient broth medium. **Pakistan Journal of Biological Sciences**, Pakistan, v. 10, n. 20, p. 3693-3697, 2007.
52. FIT, I. N. *et al.* Antibacterial effect of essential vegetal extracts on *Staphylococcus aureus* compared to antibiotics. **Notulae Botanicae Horti Agrobotanici Cluj-Napoca**, Romania, v. 37, n. 2, p. 117-123, 2009.
53. CHAUDHARI, L. K. D. *et al.* Antimicrobial activity of commercially available essential oils against streptococcus mutans. **Journal of Contemporary Dental Practice**, India, v. 13, n. 1, p. 71-74, 2012.
54. HAWRELAK, J. A.; CATTLEY, T.; MYERS, S. P. Essential oils in the treatment of intestinal dysbiosis: A preliminary in vitro study. **Alternative Medicine Review**, Sandpoint, Idaho, v. 14, n. 4, p. 380-384, 2009.
55. JEYAKUMAR, E.; LAWRENCE, R.; PAL, T. Comparative evaluation in the efficacy of peppermint (*Mentha piperita*) oil with standards antibiotics against selected bacterial pathogens. **Asian Pacific Journal of Tropical Biomedicine**, [Tunisia], v. 1, p. S253-S257, 2011. Suppl. 2.
56. MAHBOUBI, M. *et al.* Antimicrobial activity of *Mentha piperitae*, *Zhumeria majdae*, *Ziziphora tenuior* oils on ESBLs producing isolates of *Klebsiella pneumoniae*. **Biharean Biologist**, Romania, v. 6, n. 1, p. 5-9, 2012.
57. SAEED, S.; NAIM, A.; TARIQ, P. In vitro antibacterial activity of peppermint. **Pakistan Journal of Botany**, Pakistan, v. 38, n. 3, p. 869-872, 2006.
58. SOKOVIĆ, M. *et al.* Antibacterial effects of the essential oils of commonly consumed medicinal herbs using an in vitro model. **Molecules**, Basel, Switzerland, v. 15, n. 11, p. 7532-7546, 2010.
59. SOKOVIC, M. D. *et al.* Antifungal activity of the essential oil of *Mentha x piperita*. **Pharmaceutical Biology**, [s. l.], v. 44, n. 7, p. 511-515, 2006.
60. TASSOU, C.; KOUTSOUMANIS, K.; NYCHAS, G. J. E. Inhibition of *Salmonella enteritidis* and *Staphylococcus aureus* in nutrient broth by mint essential oil. **Food Research International**, Ottawa, v. 33, n. 3/4, p. 273-280, 2000.
61. GEROMINI, K. V. N. *et al.* Atividade antimicrobiana de óleos essenciais de plantas medicinais. **Arquivos de Ciências Veterinárias e Zoologia da UNIPAR**, Umuarama, PR, v. 15, n. 2, p. 127-131, 2012.

62. VALERIANO, C. *et al.* Atividade antimicrobiana de óleos essenciais em bactérias patogênicas de origem alimentar. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, SP, v. 14, n. 1, p. 57-67, 2012.
63. SOKOVIC, M. D. *et al.* Chemical Composition of Essential Oils of Thymus and Mentha Species and Their Antifungal Activities. **Molecules**, Basel, Switzerland, v. 14, n. 1, p. 238-249, 2009.
64. AVINASH, M. *et al.* In vitro Study of Antidermatophytic Activity of Mint (Mentha Piperita) Against Trichophyton rubrum and Microsporum canis. **Journal of Medical Sciences**, [s. l.], v. 12, n. 6, p. 182, 2012.
65. RAFII, F.; SHAHVERDI, A. R. Comparison of essential oils from three plants for enhancement of antimicrobial activity of nitrofurantoin against enterobacteria. **Chemotherapy**, Basel, v. 53, n. 1, p. 21-25, 2007.
66. TOROGLU, S. In-vitro antimicrobial activity and synergistic/antagonistic effect of interactions between antibiotics and some spice essential oils. **Journal of Environmental Biology**, India, v. 32, n. 1, p. 23-29, 2011.
67. ZAGO, J. A. A. *et al.* Sinergismo entre óleos essenciais e drogas antimicrobianas sobre linhagens de Staphylococcus aureus e Escherichia coli isoladas de casos clínicos humanos. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, Curitiba, PR, v. 19, n. 4, p. 828-833, 2009.
68. SUNG, H. C.; SHIN, S. Activity of essential oil from Mentha piperita against some antibiotic-resistant Streptococcus pneumoniae strains and its combination effects with antibiotics. **Natural Product Sciences**, Korea, v. 13, n. 2, p. 164-168, 2007.
69. PROBST, I. S. *et al.* Antimicrobial activity of propolis and essential oils and synergism between these natural products. **Journal of Venomous Animals and Toxins Including Tropical Diseases**, Botucatu, SP, v. 17, n. 2, p. 159-167, 2011.
70. SARTORATTO, A. *et al.* Composition and antimicrobial activity of essential oils from aromatic plants used in Brazil. **Brazilian Journal of Microbiology**, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 275-280, 2004.
71. CASTRO, R. D. de.; LIMA, E. de O. Screening of essential oils antifungal activity on Candida strains. Screening da atividade antifúngica de óleos essenciais sobre cepas de Candida. **Pesquisa Brasileira em Odontopediatria e Clínica Integrada**, Paraíba, v. 11, n. 3, p. 341-345, 2011.

72. DUARTE, M. C. T. *et al.* Anti-Candida activity of Brazilian medicinal plants. **Journal of Ethnopharmacology**, Lausanne, v. 97, n. 2, p. 305-311, 2005.
73. DORMAN, H. J. D. *et al.* Antioxidant properties and composition of aqueous extracts from *Mentha* species, hybrids, varieties, and cultivars. **Journal of Agricultural and Food Chemistry**, Washington, DC, v. 51, n. 16, p. 4563-4569, 2003.
74. AHMAD, N. *et al.* Free radical scavenging (DPPH) potential in nine *Mentha* species. **Toxicology and Industrial Health**, London, v. 28, n. 1, p. 83-89, 2012.
75. MUÑOZ-VELÁZQUEZ, E. E. *et al.* Comparación del contenido fenólico, capacidad antioxidante y actividad antiinflamatoria de infusiones herbales comerciales. **Revista Mexicana de Ciencias Agrícolas**, Texcoco, México, v. 3, n. 3, p. 481-495, 2012.
76. EBRAHIMZADEH, M. A. *et al.* Antioxidant and antihemolytic activities of mentha piperita. **Pharmacologyonline**, [s. l.], v. 1, p. 744-752, 2010.
77. FARNAD, N.; HEIDARI, R.; ASLANIPOUR, B. Phenolic composition and comparison of antioxidant activity of alcoholic extracts of Peppermint (*Mentha piperita*). **Journal of Food Measurement and Characterization**, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 113-121, 2014.
78. SAMARTH, R. M. *et al.* Erratum: Radioprotective influence of *Mentha piperita* (Linn) against gamma irradiation in mice: Antioxidant and radical scavenging activity. **International Journal of Radiation Biology**, London, v. 82, n. 5, p. 331-337, 2006.
79. SAMARTH, R. M. *et al.* Evaluation of antioxidant and radical- scavenging activities of certain radioprotective plant extracts. **Food Chemistry**, [s. l.], v. 106, n. 2, p. 868-873, 2008.
80. COSENTINO, M. *et al.* Antioxidant properties and in vitro immunomodulatory effects of peppermint (*Mentha x piperita* L.) essential oils in human leukocytes. **Journal of Pharmaceutical Sciences and Research**, India, v. 1, n. 3, p. 33-43, 2009.
81. NICKAVAR, B.; ALINAGHI, A.; KAMALINEJAD, M. Evaluation of the antioxidant properties of five *Mentha* species. **Iranian Journal of Pharmaceutical Research**, Iran, v. 7, n. 3, p. 203-209, 2008.

82. GEUENICH, S. *et al.* Aqueous extracts from peppermint, sage and lemon balm leaves display potent anti-HIV-1 activity by increasing the virion density. **Retrovirology**, [London], v. 5, p. 27, 2008.
83. PEIXOTO, I. T. A. *et al.* Potential pharmacological and toxicological basis of the essential oil from *Mentha* spp. **Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada**, Piracicaba, SP, v. 30, n. 3, p. 235-239, 2009.
84. NARANJO, J. de la P. *et al.* Actividad antiparasitaria de una decocción de *Mentha piperita* Linn. **Revista Cubana de Medicina Militar**, Ciudad de la Habana, Cuba, v. 35, n. 3, p. 1-4, 2006.
85. BERDOWSKA, I. *et al.* Cytotoxic impact of phenolics from *Lamiaceae* species on human breast cancer cells. **Food Chemistry**, [s. l.], v. 141, n. 2, p. 1313-1321, 2013.
86. SOUSA, A. A. S. de *et al.* Antispasmodic effect of *Mentha piperita* essential oil on tracheal smooth muscle of rats. **Journal of Ethnopharmacology**, Lausanne, v. 130, n. 2, p. 433-436, 2010.
87. INOUE, T. *et al.* Antiallergic effect of flavonoid glycosides obtained from *Mentha piperita* L. **Biological & Pharmaceutical Bulletin**, Tokyo, v. 25, n. 2, p. 256-259, 2002.
88. NEVES, A. *et al.* Screening of five essential oils for identification of potential inhibitors of IL-1-induced Nf-kappaB activation and NO production in human chondrocytes: characterization of the inhibitory activity of alpha-pinene. **Planta Medica**, Stuttgart, v. 76, n. 3, p. 303-308, 2010.
89. MUÑOZ-VELÁZQUEZ, E. E. *et al.* Comparison of phenolic content, antioxidant capacity and anti-inflammatory activity of commercial herbal infusions. **Revista Mexicana de Ciencias Agrícolas**, Texcoco, México, v. 3, n. 3, p. 481-495, 2012.
90. BÜYÜKBALCI, A.; NEHIR EI, S. Determination of in vitro antidiabetic effects, antioxidant activities and phenol contents of some herbal teas. **Plant Foods for Human Nutrition**, Dordrecht, v. 63, n. 1, p. 27-33, 2008.
91. KOO, H. N. *et al.* Inhibition of heat shock-induced apoptosis by peppermint oil in astrocytes. **Journal of Molecular Neuroscience**, Boston, v. 17, n. 3, p. 391-396, 2001.

92. HEIMES, K.; HAUKE, F.; VERSPOHL, E. J. Mode of action of peppermint oil and (-)-menthol with respect to 5-HT₃ receptor subtypes: binding studies, cation uptake by receptor channels and contraction of isolated rat ileum. **Phytotherapy Research**: PTR, London, v. 25, n. 5, p. 702, 2011.
93. AKDOGAN, M. *et al.* Effects of peppermint teas on plasma testosterone, follicle-stimulating hormone, and luteinizing hormone levels and testicular tissue in rats. **Urology**, New York, v. 64, n. 2, p. 394-398, 2004.
94. AL-MOFLEH, I. *et al.* Antisecretagogue, antiulcer and cytoprotective effects of 'peppermint' *Mentha piperita* L. in laboratory animals. **Journal of Medical Sciences**, [s. l.], v. 6, n. 6, p. 930-936, 2006.
95. BARBALHO, S. M. *et al.* *Mentha piperita* Effects on Wistar Rats Plasma Lipids. **Brazilian Archives of Biology and Technology**, Curitiba, PR, v. 52, n. 5, p. 1137-1143, 2009.
96. AKDOGAN, M.; GULTEKIN, F.; YONTEM, M. Effect of *Mentha piperita* (Labiatae) and *Mentha spicata* (Labiatae) on iron absorption in rats. **Toxicol Ind Health**, Princeton, NJ, v. 20, n. 6/10, p. 119-122, 2004.
97. BARBALHO, S. M. *et al.* Metabolic profile of offspring from diabetic Wistar rats treated with *Mentha piperita* (peppermint). **Evidence-based Complementary and Alternative Medicine**, Oxford, v. 2011, p. 430237, 2011.
98. BADAL, R. M. *et al.* Pharmacological action of *Mentha piperita* on lipid profile in fructose-fed rats. **Iranian Journal of Pharmaceutical Research**, Iran, v. 10, n. 4, p. 843-848, 2011.
99. AKDOGAN, M. *et al.* Investigation of biochemical and histopathological effects of *Mentha piperita* L. and *Mentha spicata* L. on kidney tissue in rats. **Human & Experimental Toxicology**, London, v. 22, n. 4, p. 213-219, 2003.
100. NARANJO, J. de la P. *et al.* Antidiarrheal effect of *Mentha piperita* Linn tincture 20 % in rats. **Revista Cubana de Farmacia**, Ciudad de la Habana, Cuba, v. 38, n. 2, p. 1, 2004.
101. NARANJO, J. de la P. *et al.* Disminución del tránsito intestinal en ratones por tintura al 20% de *Mentha piperita* Linn. **Revista Cubana de Medicina Militar**, Ciudad de la Habana, Cuba, v. 31, n. 4, 2002.

102. GRIGOLEIT, H. G.; GRIGOLEIT, P. Pharmacology and preclinical pharmacokinetics of peppermint oil. **Phytomedicine**, Stuttgart, v. 12, n. 8, p. 612-616, 2005.
103. KEIFER, D. *et al.* Peppermint (*Mentha piperita*): An evidence-based systematic review by the Natural Standard Research Collaboration. **Journal of Herbal Pharmacotherapy**, Binghamton, NY, v. 7, n. 2, p. 91-143, 2007.
104. SAMARTH, R. M.; SAMARTH, M. Protection against radiation-induced testicular damage in Swiss albino mice by *Mentha piperita* (Linn.). **Basic and Clinical Pharmacology and Toxicology**, Copenhagen, v. 104, n. 4, p. 329, 2009.
105. HASSAN, H. A.; HAFEZ, H. S.; GODA, M. S. *Mentha piperita* as a pivotal neuro-protective agent against gamma irradiation induced DNA fragmentation and apoptosis: *Mentha* extract as a neuroprotective against gamma irradiation. **Cytotechnology**, Dordrecht, v. 65, n. 1, p. 145-156, 2013.
106. SAMARTH, R. M. Protection against radiation induced hematopoietic damage in bone marrow of Swiss albino mice by *Mentha piperita* (Linn.). **Journal of Radiation Research**, Tokyo, v. 48, n. 6, p. 523-528, 2007.
107. SAMARTH, R. M.; GOYAL, P. K.; KUMAR, A. Modulatory effect of *Mentha piperita* (Linn.) on serum phosphatases activity in Swiss albino mice against gamma irradiation. **Indian Journal of Experimental Biology**, India, v. 39, n. 5, p. 479-482, 2001.
108. SAMARTH, R. M.; KUMAR, A. *Mentha piperita* (Linn.) leaf extract provides protection against radiation induced chromosomal damage in bone marrow of mice. **Indian Journal of Experimental Biology**, India, v. 41, n. 3, p. 229-237, 2003.
109. SAMARTH, R. M.; KUMAR, A. Radioprotection of Swiss albino mice by plant extract *Mentha piperita* (Linn.). **Journal of Radiation Research**, Tokyo, v. 44, n. 2, p. 101-109, 2003.
110. BALIGA, M. S.; RAO, S. Radioprotective potential of mint: A brief review. **Journal of Cancer Research and Therapeutics**, India, v. 6, n. 3, p. 255-262, 2010.
111. JAGETIA, G. C. Radioprotective Potential of Plants and Herbs against the Effects of Ionizing Radiation. **Journal of Clinical Biochemistry and Nutrition**, Japan, v. 40, n. 2, p. 74-81, 2007.

112. SHARMA, A.; SHARMA, M. K.; KUMAR, M. Protective effect of *Mentha piperita* against arsenic- induced toxicity in liver of Swiss albino mice. **Basic and Clinical Pharmacology and Toxicology**, Copenhagen, v. 100, n. 4, p. 249, 2007.
113. BOUARI, C. *et al.* Antimicrobial activity of *Mentha piperita* and *Saturenja hortensis* in a murine model of cutaneous protothecosis. **Journal of Mycologie Médicale**, Paris, v. 24, n. 1, p. 34-43, 2014.
114. SAMARTH, R. M. *et al.* Protective effects of *Mentha piperita* Linn on benzo[a]pyrene-induced lung carcinogenicity and mutagenicity in Swiss albino mice. **Mutagenesis**, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 61-66, 2006.
115. SUMANTH, M.; VAKILI, S. A. Comparison of anti cancer activity of curcuma longa with *Mentha piperita* using Ehrlich ascite carcinoma in Swiss albino mice. **Latin American Journal of Pharmacy**, [Argentina], v. 31, n. 10, p. 1509-1512, 2012.
116. TAHER, Y. A. Antinociceptive activity of *Mentha piperita* leaf aqueous extract in mice. **Libyan Journal of Medicine**, [Lybia], v. 7, p. 1, 2012.
117. ATTA, A. H.; ALKOFABI, A. Anti-nociceptive and anti-inflammatory effects of some Jordanian medicinal plant extracts. **Journal of Ethnopharmacology**, Lausanne, v. 60, n. 2, p. 117-124, 1998.
118. MEAMARBASHI, A.; RAJABI, A. The effects of peppermint on exercise performance. **Journal of the International Society of Sports Nutrition**, London, v. 10, n. 15, p. 1-6, 2013.
119. BARKER, S. *et al.* Improved performance on clerical tasks associated with administration of peppermint odor. **Perceptual and Motor Skills**, Louisville, v. 97, n. 3, p. 1007-1010, 2003. Part 1.
120. MOSS, M. *et al.* Modulation of cognitive performance and mood by aromas of peppermint and ylang-ylang. **International Journal of Neuroscience**, London, v. 118, n. 1, p. 59-77, 2008.
121. DRAGICH, A. M.; HALPERN, B. P. An oral-cavity component in retronasal smelling of natural extracts. **Physiology and Behavior**, Oxford, v. 93, n. 3, p. 521-528, 2008.
122. STEPHENSON, D.; HALPERN, B. P. No oral-cavity-only discrimination of purely olfactory odorants. **Chemical Senses**, [s. l.], v. 34, n. 2, p. 121-126, 2009.

123. HUR, M. H. *et al.* Reduction of mouth malodour and volatile sulphur compounds in intensive care patients using an essential oil mouthwash. **Phytotherapy Research**: PTR, London, v. 21, n. 7, p. 641-643, 2007.
124. BARBALHO, S. M. *et al.* Investigation of the effects of peppermint (*mentha piperita*) on the biochemical and anthropometric profile of university students. **Food Science and Technology**, Campinas, SP, v. 31, n. 3, p. 584-588, 2011.
125. POURNEMAT, P. *et al.* The effect of inhaling peppermint odor and ethanol in women athletes. **Bratisl Lek Listy**, Slovakia, v. 110, n. 12, p. 782-787, 2009.
126. NORRISH, M. I. K.; DWYER, K. L. Preliminary investigation of the effect of peppermint oil on an objective measure of daytime sleepiness. **International Journal of Psychophysiology**, Amsterdam, v. 55, n. 3, p. 291-298, 2005.
127. WESTPHAL, J.; HORNING, M.; LEONHARDT, K. Phytotherapy in functional upper abdominal complaints - Results of a clinical study with a preparation of several plants. **Phytomedicine**, Stuttgart, v. 2, n. 4, p. 285-291, 1996.
128. HOLTSMANN, G. *et al.* Effects of a fixed combination of peppermint oil and caraway oil on symptoms and quality of life in patients suffering from functional dyspepsia. **Phytomedicine**, Stuttgart, v. 10, p. 56-57, 2003. Suppl. 4.
129. BEN-ARYE, E. *et al.* Treatment of upper respiratory tract infections in primary care: a randomized study using aromatic herbs. **Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine**, Oxford, v. 2011, p. 690346, 2011.
130. MELLI, M. S. *et al.* A randomized trial of peppermint gel, lanolin ointment, and placebo gel to prevent nipple crack in primiparous breastfeeding women. **Medical Science Monitor Basic Research**, Warsaw, Poland, v. 13, n. 9, p. CR406-CR411, 2007.
131. DYER, J.; ASHLEY, S.; SHAW, C. A study to look at the effects of a hydrolat spray on hot flushes in women being treated for breast cancer. **Complementary Therapies in Clinical Practice**, Amsterdam, v. 14, n. 4, p. 273-279, 2008.

132. ALANKAR, S. A review on peppermint oil. **Asian Journal of Pharmaceutical and Clinical Research**, India, v. 2, n. 2, p. 27-33, 2009.
133. ALVES, J. G. B.; BRITO, R. de C. C. M. de; CAVALCANTI, T. S. Effectiveness of mentha piperita in the treatment of infantile colic: A crossover study. **Evidence-based Complementary and Alternative Medicine**, Oxford, v. 2012, p. 981352, 2012.
134. LANE, B. *et al.* Examination of the effectiveness of peppermint aromatherapy on nausea in women post C-section. **Journal of Holistic Nursing**: official journal of the American Holistic Nurses' Association, Telluride, v. 30, n. 2, p. 90-104, 2012.
135. TAYARANI-NAJARAN, Z. *et al.* Antiemetic activity of volatile oil from Mentha spicata and Mentha x piperita in chemotherapy-induced nausea and vomiting. **Ecancer Medical Science**, Bristol, UK, v. 7, p. 290, 2013.
136. WESTFALL, R. E. Use of anti-emetic herbs in pregnancy: women's choices, and the question of safety and efficacy. **Complementary Therapies in Nursing and Midwifery**, Edinburgh, v. 10, n. 1, p. 30-36, 2004.
137. HINES, S. *et al.* Aromatherapy for treatment of postoperative nausea and vomiting. **Cochrane Database of Systematic Reviews**, Oxford, n. 1, p. 1-17, 2009.
138. ABASCAL, K.; YARNELL, E. Combining herbs in a formula for irritable bowel syndrome. **Alternative and Complementary Therapies**, [s. l.], v. 11, n. 1, p. 17-23, 2005.
139. GRIGOLEIT, H. G.; GRIGOLEIT, P. Gastrointestinal clinical pharmacology of peppermint oil. **Phytomedicine**, Stuttgart, v. 12, n. 8, p. 607-611, 2005.
140. ALMEIDA, F. M. de; ALVES, M. T. S. S. de B.; AMARAL, F. M. M. do. Uso de plantas com finalidade medicinal por pessoas vivendo com HIV/AIDS em terapia antirretroviral. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 424-434, 2012.
141. BURGOS, A. N.; MORALES, M. A. Estudio cualitativo del uso de plantas medicinales en forma complementaria o alternativa con el consumo de fármacos en la población rural de la ciudad de Bulnes, Región del Bío-Bío, Chile. **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromaticas**, [España], v. 9, n. 4, p. 1-11, 2010.

- 142.** BAYAT, R.; BORICI-MAZI, R. A case of anaphylaxis to peppermint. **Allergy Asthma and Clinical Immunology**, Hamilton, Ont., v. 10, n. 1, p. 6, 2014.
- 143.** PAIVA, M.; PIEDADE, S.; GASPAR, Â. Toothpaste-induced anaphylaxis?. **Revista Portuguesa de Imunoalergologia**, Lisboa, v. 18, n. 3, p. 253-260, 2010.
- 144.** WORLD INTELLECTUAL PROPERTY ORGANIZATION (WIPO). **[Site]**. Disponível em: <http://patentscope.wipo.int/search/en/result.jsf>. Acesso em: 22 nov. 2014.
- 145.** INSTITUTO NACIONAL DE PROPRIEDADE INDUSTRIAL (Brasil). **[Site]**. Disponível em: www.inpi.gov.br. Acesso em: 22 nov. 2014.



Conte-nos o que pensa sobre esta publicação. Responda a pesquisa disponível por meio do QR Code ao lado:







**DISQUE
SAÚDE 136**

Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde
bvsm.s.saude.gov.br



MINISTÉRIO DA
SAÚDE

Governo
Federal